

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 77

02 de outubro de 2010

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos, sejam bem-vindos. Eu queria, antes de tudo, cumprimentar o pessoal do Instituto Olavo de Carvalho. Eu vi todos os cursos que eles colocaram online; está uma beleza. Se iniciativas como essa proliferarem em vários estados brasileiros, seguramente todas as finalidades que nós assinalamos para o Seminário de Filosofia serão cumpridas. Nós estaremos realmente criando uma nova geração de intelectuais brasileiros muito mais séria do que se pode ver na praça hoje em dia, e isso certamente abre uma perspectiva melhor para o país inteiro, pois sem a presença de uma classe intelectual capacitada, ativa e séria, nada é possível.

Eu sei que isso escapa muito da percepção das classes dominantes, das classes falantes em geral no Brasil. Esta semana estive lendo — até mencionei no programa True Outspcak — uma pesquisa que coloca o povo brasileiro entre os menos generosos do mundo: é o povo que não dá esmola, não faz trabalho voluntário, não ajuda ninguém. Isso mostra que essa mesquinha moral tem um fundo de mesquinha intelectual, mesquinha mental, que é a concentração obsessiva da mente nos problemas de ordem prática, pragmáticos e mediatos. Em geral não se percebe, mas essa é a coisa mais improdutiva que um ser humano pode fazer. A concentração nessas dificuldades práticas, sobretudo financeiras, toma energias; quer dizer, essas preocupações não foram feitas para fortalecer ninguém, ao contrário, elas o enfraquecem. De maneira simetricamente oposta, toda a atenção que é dada a assuntos mais elevados e de ordem criativa o fortalecem. Quer dizer, ao concentrar-se nos problemas práticos você está se concentrando na escravidão; este é o lado escravo da vida, são coisas que você não escolheu, que vieram até você e o oprimem desde fora. Mas, ao contrário, quando você volta a sua atenção para a religião, arte, alta cultura, filosofia etc., você está abrindo perspectivas e crescendo de alguma maneira, está aumentando o seu potencial de ação.

Eu acho que ninguém no Brasil sabe isso. Vejam, por exemplo, o destino de toda a minha geração. Outro dia me mandaram uma foto da minha classe do ginásio quando eu estava no terceiro ano e eu comecei a pensar em qual o foi o destino dessas pessoas. Eu vejo que praticamente o único que melhorou de condição, que subiu, fui eu; os outros ou ficaram onde estavam, ou foram para baixo. Uma vez eu também fiz com meus alunos um teste no qual eles examinaram a vida das três últimas gerações de suas famílias para ver se tinham subido ou descido socialmente. Todos tinham descido. A única que tinha subido era uma moça, filha de um boiadeiro, que tinha conseguido se

tornar enfermeira e se casar com um engenheiro; essa subiu. Os outros todos não: o avô era senador da república, o pai gerente de banco e o filho escrivão. Era mais ou menos assim, essa era a regra.

O Brasil não é um país feito para os seres humanos viverem e prosperarem. A coleção imensa de fracassos que constituem a vida brasileira é uma das coisas mais tristes da história universal. É claro que em comparação com outros países onde houveram guerras, revoluções, perseguições etc. você acha que o Brasil até está bem, mas eu creio que não há nada no mundo que se compare com esta impossibilidade maciça da vida brasileira, na qual tudo é enormemente difícil, tudo leva um tempo extraordinário e geralmente dá errado. As pessoas percebem que a situação é assim, mas não são capazes de associar isso a esta espécie de pragmatismo imediatista brasileiro. Por exemplo, esta idéia de que tudo que você faz com satisfação, com prazer etc., não é trabalho; que trabalho tem de ser uma coisa que o desagrada, o esmague e que você tem de aceitar, pois aquilo é o pão-pão queijo-queijo. É claro que esta é uma idéia deprimente. Se o sujeito se inocula a si próprio com uma depressão, então vai ter de dar errado; ele pode até começar a gostar da depressão e achar que aquilo é a realidade da vida, mas na verdade é um tecido de ilusões deprimentes que ele construiu em volta dele.

O desinteresse brasileiro por conhecimento, por alta cultura, por tudo aquilo que é do espírito, está ligado intimamente a esta falta de generosidade. Em uma lista dos povos mais e menos generosos, os cinco primeiros são anglo-saxônicos — Canadá, Inglaterra, Estados Unidos, Nova Zelândia — pois isso é uma tradição, e não é coincidência que estes povos tenham obtido tanto sucesso. Quando observamos o ensino aqui nos Estados Unidos, mesmo o pior, como a educação estatal, vemos que a atenção que eles dão à literatura é muito maior do que a que dão à matemática. A matemática que eles ensinam no ginásio é elementar, é matemática de primeiro ano de ginásio do Brasil, e eles se contentam com isso. Mas nas letras, na arte da leitura, eles capricham, são muito exigentes. Meus filhos que aqui freqüentaram dois anos de escola pública, mesmo sendo muito ruim, leram muito mais naqueles dois anos do que teriam lido no Brasil ao longo de vinte anos.

A gente nota que a capacidade verbal dos americanos é algo assombroso. Mesmo nas pessoas comuns o vocabulário é muito rico, as conversas — que eles chamam de *small talk* — têm uma vivacidade incrível, fica até difícil de traduzir. Isso tem muito a ver, por um lado, com o coração generoso do americano, do inglês em geral, e por outro, evidentemente, com o sucesso das coisas práticas da vida. Ou seja, resolver um problema prático nunca é uma questão de prestar muita atenção nele; jamais! Pois são problemas simples, que requerem trabalho e esforço, mas não requerem um coeficiente de inteligência muito alto, não é preciso prestar muita atenção. Se você voltar a sua atenção para aquilo que lhe infunde energia, vida, esperança, luminosidade, você terá energia suficiente para resolver todos os problemas práticos sem se deixar enredar muito por eles e conceder muita atenção. Se ao contrário, você acha que a vida é constituída somente por aquelas dificuldades práticas, então o seu nível de energia vai baixando, baixando, e você se torna cada vez mais incapaz e mais burro, e evidentemente vai fracassar. E quanto mais fracassar, mais você vai se achar um sujeito realista, adulto e pé-no-chão, quando na realidade você está no mundo da lua.

Por exemplo, o chamado “debate político brasileiro” consiste de duas coisas: de economia e acusação de corrupção. É só isso, não sobra mais nada para falar. Não se discute concepções da sociedade, não se discute moralidade, não se discute educação, nada, nada. Quando se discute educação no Brasil as pessoas pensam assim: “Precisamos investir mais em educação”, como se a educação fosse uma questão de dinheiro. Por exemplo, quando o governo Brizola teve aquela concepção que se chamava “os brizolões”: queriam construir um monte de escolas, construir edifícios que tinham todos os recursos, como se isso fosse garantir uma boa educação. Eu observava aquilo e lembrava da história de Santo Alberto Magno, que dava aula na rua. Até hoje em Paris há um lugar chamado *Place Maubert (Place du Maître Albert)*, que é onde ele dava aula. Onde Sócrates dava aula? Na rua. Achar que a educação é uma questão de edifícios, de instalações, de equipamentos, é a concepção mais extremamente materialista que alguém pode ter. E você já nota aí o elemento profundamente depressivo. [00:10] É a coisa mais fácil você reparar que tudo que diz respeito ao mundo material em torno é contado, pesado e medido; tudo é limitado. Quando você vai para o lado do espírito, não é assim: você tem uma abertura, uma liberdade muito maior. Então é evidente que quanto mais você concentrar a sua atenção nos fatores da pressão material imediata mais você vai para baixo, é fatal. Então se nós não conseguirmos mudar totalmente o repertório das discussões, das preocupações brasileiras, nunca este país vai se levantar.

Curiosamente, na mesma semana que saiu essa pesquisa de que o brasileiro é um dos povos menos generosos, havia outra pesquisa que mostrava que ele é um dos povos mais otimistas, que 57% da população brasileira acredita que o Brasil vai se tornar uma grande potência. Ora, desde que sou criança eu me lembro de gente acreditando que o Brasil vai se transformar em uma grande potência. A idéia, o *slogan* “Brasil Potência” deve ter entrado em circulação quando eu era criança, há meio século atrás. Este otimismo consiste na idéia de que nós todos vamos ficar ricos. É claro que não vamos ficar ricos, isso é a coisa mais óbvia do mundo. Hoje em dia se fala que o Brasil está crescendo economicamente. Não. O Brasil era a 40ª potência, no tempo dos milicos subiu até o 7º lugar, e agora conseguiu voltar para o 8º; quer dizer, não chegou nem no patamar que estava antes e já está todo mundo soltando foguete e achando maravilhoso. É a situação do sujeito deprimido que se apegua a falsas esperanças e fica se iludindo, vivendo na base do *wishfull thinking*, esperando que o Brasil seja o país do futuro. De fato o Brasil é o país do futuro, porque é o país da cenoura de burro. Quer algo mais futuro que uma cenoura de burro, que sempre está à frente de onde o burro está indo? O Brasil potência é esta cenoura de burro na qual as pessoas se iludem a si mesmas. O Brasil nunca será nada se não tivermos pessoas de melhor qualidade, e não terá pessoas de melhor qualidade se não começarmos pela educação superior, com a educação da elite.

Educação é como uma pedra que você joga na água e forma círculos concêntricos: temos de formar uma elite, esta elite educa uma faixa maior, esta faixa educa uma outra, e uma outra, e outra. O Brasil é o país que criou uma universidade só nos anos quarenta, mas antes disso teve vários projetos de educação pública para educar o povo todo. Mas se não há uma elite para educar o povo todo, como é que se faz? Sempre pensaram tudo ao contrário,

pois são materialistas e só conseguem perceber aquilo que é pressão imediata, que a presença maciça do objeto material lhes impõe. A dificuldade que o pessoal no Brasil tem para juntar causa e consequência é por conta disso, pois o elo entre causa e consequência não é uma coisa material; foi material quando aconteceu, mas não é possível fazer “recontecer” para você observar. Então é preciso ir por uma espécie de construção mental, quer dizer, você cria o elo de causa e consequência esperando que ele reflita o elo real que houve entre os fatos. As pessoas não conseguem fazer isso. Qualquer coisa que escape da simples representação imediata de uma presença material é difícil.

Veja este caso que aconteceu do Foro de São Paulo, que durante dezesseis anos todo mundo se recusou a enxergar. É pelo mesmo motivo que aquele antropólogo, que chama-se Luiz Marins, descreveu. Ele fez uma pesquisa nas empresas brasileiras e descobriu que dar avisos por escrito não adianta. Se há algo escrito com o aviso “não aperte este botão”, a pessoa vai lá e aperta o botão, acontece um desastre, o gerente vem reclamar e o sujeito fala: “Ah, mas você não falou nada!”. Estava escrito, mas o gerente não falou. Quer dizer, é preciso ter um estímulo auditivo para a coisa funcionar, avisos por escrito não funcionam! Para dar avisos nas empresas brasileiras você tem de ir de funcionário em funcionário e falar com o sujeito, e mesmo assim não é garantido. Isso quer dizer que a capacidade de pensamento abstrato é muito reduzida e a imaginação é muito estreita. A imaginação acompanha muito de perto a percepção imediata, e aquilo que escapa disso parece etéreo, vago e abstrato. A Bíblia já dizia: para o homem carnal certas coisas são inimagináveis. Tudo que é da esfera espiritual, divina, é inimaginável para o sujeito. Já no Brasil não precisa ser da esfera divina, uma equação de segundo grau já é inimaginável: o sujeito vê a equação, faz a conta, demonstra, mas ele não acredita: “É, parece que é assim mesmo...”. Depois ele vai dizer que na matemática é assim, mas na realidade não é.

Então a regra geral é considerar como fingimento, mera imaginação ou teatro, tudo aquilo que não é materialmente presente. Dificilmente encontrei no Brasil pessoas que não são assim, sobretudo nas classes altas que são as que têm o poder de decidir. Se você conversar com o Lula, com a Dilma, ou com o próprio José Serra, verá que todos são assim. Eu, na convivência que tive por muito tempo com líderes empresariais quando trabalhava em revistas — graças a empregos jornalísticos eu tive a oportunidade de conhecer vários meios sociais brasileiros, meio empresarial, militar, político etc... —, ficava desesperado de ver a profunda mesquinharia mental de toda essa gente. Via que a mentalidade deles era a mesma da fábula da cigarra e da formiga: o que vale é a formiga que ficou acumulando tudo e a cigarra que ficou cantando não vale nada. La Fontaine fez a fábula, mas eu fiz a continuação: a formiga fica se matando e a cigarra grava um disco, vendo um montão de cópias e fica milionária.

Eu raramente encontrei pessoas que tiveram verdadeira ambição. Este é um elemento fundamental da psicologia social brasileira: você não encontra um sujeito que quer ficar milionário, que chega para você e diz que quer ficar rico, que quer ganhar muito dinheiro. Não, as pessoas querem obter segurança, querem um emprego público, uma aposentadoria, alguma coisa assim. A segurança é o ideal dos velhos e dos doentes, que já não têm mais perspectiva. Eles passam da vida ativa para a vida passiva, do ataque para a

defesa; eles já não estão mais avançando, estão recuando, e querem recuar em segurança. Como isso já é proposto para o indivíduo desde o início, ele já entra na vida de marcha ré. Cá entre nós, eu acho mais fácil um sujeito ficar milionário do que obter segurança. Eu, com 63 anos, já tenho alguma experiência e sei que não existe segurança: o ser humano jamais está seguro, jamais está garantido contra nada. Ficar milionário é uma possibilidade, mas segurança nem mesmo um milionário tem. Ao contrário, se ele é milionário, tem de ficar o dia inteiro lendo *The Wall Street Journal* para ver as cotações das bolsas de valores e descobrir onde perdeu. Ele vive aterrorizado, pois de repente passa uma nova lei e tudo aquilo que valia um montão não vale mais nada. Sobretudo hoje em dia, quando a riqueza é puramente financeira; não tendo nenhuma base real, a riqueza tronou-se algo etéreo, é a coisa menos controlável que existe no mundo. Isso quer dizer que você vai ficar milionário, mas vai ficar tão aterrorizado como está agora, pois a segurança de fato não existe.

O ideal da segurança, além de ser depressivo em si mesmo, além de ser desencorajador, é utópico. Vocês não têm de buscar a segurança. Esta é uma mensagem para todos os alunos do curso, metam isso nas suas cabeças, estou falando para o bem de vocês. Eu quero que todos vocês tenham sucesso, que todos vençam na vida; eu quero muito isso, pois este é o meu sonho: fazer uma geração de gente capacitada e capaz de se impor. Nunca busquem a segurança, busquem a força. Vocês têm de ser fortes. A força não vai te garantir contra tudo, ela não vai te garantir de antemão. [00:20] O fundamental é vocês serem sempre fortes para poderem reagir às situações; não é estarem defendidos, a questão não é vocês terem uma boa defesa, ao contrário, é vocês terem uma boa capacidade de ataque. Isso aparece no filme do Clint Eastwood, *The Outlaw Josey Wales*, em que ele diz assim: "Na hora em que você está cercado, em minoria e acabou a sua munição, é uma boa hora para você começar a dar porrada!". Eu acho que isso é tudo, esse é o segredo da vida. Napoleão também dizia a mesma coisa: "Atacar, atacar, atacar, nunca pare!". O meu professor de artes marciais, Michael Weber, ensinava: "Quando você começar a bater não pare nunca, porque senão você vai começar a apanhar". Sempre dobrem a aposta, dobrem a aposta, dobrem a aposta; é o adágio latino: *audacias fortuna aiuvat* (a fortuna favorece os audazes). É preciso ter uma imensa cara-de-pau e muita coragem para vocês avançarem, e avançar sempre.

Eu vejo, por exemplo, que as pessoas buscam se garantir através de um diploma, de um bom emprego etc. Eu tive oito filhos, deles o mais bem sucedido é o Luiz, o Gugu, que não terminou nem o ginásio e é professor universitário, é um sujeito respeitado. Por quê? Porque ele teve coragem, ele vai em frente; ele não procurou uma garantia externa, ele procurou se fortalecer. Se fortalecer intelectualmente, humanamente. O Gugu sempre foi um garoto de muita coragem, não tinha medo de nada; podia haver um sujeito dez vezes maior do que ele, se tivesse de apanhar, apanhava, nem ligava. Se fortaleceu intelectualmente, humanamente e venceu. Eu vejo que as pessoas que procuram uma garantia sempre terminam mal, sempre, isso é uma regra áurea. Tudo o que fiz na vida eu fiz sem nenhuma garantia, sem nenhuma proteção, sem nenhum respaldo administrativo, burocrático, financeiro etc. Existe um filme em que um sujeito construiu uma ferrovia e perguntaram como ele conseguiu, ele disse: "Eu fiz esta ferrovia com nervos e dívidas". Então, não

se preocupem.

Se você tem uma dívida, nunca pense nela, nunca! Só pense na hora de pagar. Você não tem de pensar em pagar a sua dívida, você tem de pensar em ganhar o dinheiro. Vale a pena ter idéias para ganhar dinheiro; tenha idéias, aposte nelas, lute e ganhe dinheiro. Na hora que você estiver com o dinheiro na mão, o que você faz com ele? Se tem uma dívida, vá lá e pague. É muito simples. Eu me lembro do meu ex-concunhado, Ubaldino. Uma vez um sujeito foi cobrá-lo uma dívida e o ameaçou: "Se você não pagar, vou te levar para o cartório!". Meu concunhado respondeu "Se você me levar para o cartório e pôr dinheiro no meu bolso, eu te dou 10%". Então não se preocupe, nunca pense em problemas, nunca. Ou você vai dedicar a sua atenção a uma atividade criativa que traga em seu bojo a solução daquele problema e de mais de outros, ou não pense naquilo nunca, pois é algo predatório. Se vierem pessoas de sua família ou amigos para lembrá-lo — "Ah, mas você tem de pagar!", "Ah, mas você tem aquele problema!" —, você os manda para aquele lugar! Não se preocupe, a preocupação mata. Você tem de se preocupar com os grandes problemas da humanidade, da filosofia, da teologia. Mas com problemas práticos a preocupação não resolve, o que resolve é a força. Força significa iniciativa, criatividade, fazer alguma coisa.

Uma vez eu li no filósofo Alain que a pior coisa que existe no ser humano é aquele estado de espírito rancoroso que rosna e não age. São aquelas pessoas que ficam reclamando, reclamando e não fazem nada. Isso é um gasto de energia, é trabalhar contra si. Eu vejo que na sociedade brasileira isso está tão disseminado que se tornou uma espécie de obrigação moral: você tem de estar de mau humor, pois se está de bom humor você é uma espécie de pessoa leviana. Porém eu lhes digo: mau humor jamais, reclamação jamais, preocupação com probleminhas jamais. Se você tem uma dívida, anote quanto deve e não pense mais naquilo. Vá trabalhar, fazer alguma coisa boa, ganhar dinheiro. Quando tiver o dinheiro volte a pensar na dívida, mas pensar nela quando não é possível pagá-la de nada adianta. Só não vá ser sacana e esquecer a dívida quando você ganhar o dinheiro. Brasileiro faz assim: pensa na dívida o tempo todo, mas quando tem o dinheiro gasta em outra coisa e não paga o raio da dívida!

Isso são coisas essenciais para o seu sucesso na vida; e preste atenção, o seu sucesso é o meu sucesso. Qual é o sucesso da educação? É o sucesso dos alunos, Meu Deus do céu! Então não dê ouvidos a maus conselheiros, pessoas que querem que vocês fiquem preocupados, tristes e de mau humor, não dêem ouvidos a essa gente. Isso realmente não funciona.

Ligado a isso, eu queria falar de um outro assunto. Na verdade a aula de hoje é para complementar o que eu estava falando sobre Descartes, mas nós chegaremos lá. Eu vi que existe o curso de Educação da Imaginação no site do Instituto Olavo de Carvalho. Eu fico muito feliz por esta iniciativa. Esse curso é inspirado no Northrop Frye, que é um grande crítico que escreveu o livro *A Imagem Educada*. Eu queria fazer um reparo com relação a este livro. É um livro excelente, tem muitas dicas maravilhosas, mas no fim das contas o autor acredita na idéia de que o intelecto humano é a nossa parte objetiva e as emoções são nossa parte subjetiva. Ele diz em um momento — eu não sei por que ele diz isso — que se nós fossemos orientais, pensaríamos ao contrário:

pensaríamos que a emoção seria a parte objetiva e o intelecto a parte subjetiva. Eu não sei se é assim, na verdade eu nunca vi ninguém que pensasse assim, mesmo tendo sido educado no meio oriental, no bairro da Liberdade em São Paulo onde só tinha japonês.

Eu sei que eu pensei muito nessa questão das emoções e, sobretudo, fui muito influenciado no começo da minha vida pela leitura do René Descartes e pela leitura do Alain Emile Chartier. Eu li praticamente a obra inteira do Alain. Ele era um filósofo, professor eminente, um grande professor de filosofia e um escritor extraordinário que desenvolveu uma técnica de escrever que só ele tem: a proibição de corrigir. Ele comprava o papel mais fino, elegante e caro que ele pudesse, uma caneta caríssima, tinta de primeira qualidade, escrevia a primeira frase e ponto final. Não pode voltar atrás. Então começava a segunda frase e continuava. Se conservam até hoje os seus manuscritos, não há um rasura, não há uma correção, não há nada. Você tem de pensar a frase antes de escrever e depois que escreveu, não pode mais voltar atrás. Como escritor ele é excepcional, mas ele tem aquela característica francesa de considerar as emoções e a imaginação — eles confundem um pouco imaginação com emoção — como a parte louca, como Descartes dizia, "*La folle du logis*", a louca da família.

Logo no início da minha vida eu observei que eu tinha dois tipos de emoções. Umas eram causadas pelas situações, por aquilo que eu estava percebendo objetivamente. Por exemplo, quando um sujeito me assaltou na rua, encostou uma faca na minha barriga e me perguntou se eu era cearense. Eu pensei: "Pô!, como é que eu vou saber!? Cearense é ele ou é o cara que ele quer matar?". Tudo dependia disso. Eu respondi que não e ele foi embora. Então ele estava correndo atrás de um cearense; [00:30] não o encontrou e não matou ninguém. Essa é uma situação imediata, não dá tempo de você criar uma representação mental dela, você tem uma emoção que responde a uma situação objetiva. Existem outras emoções que são causadas por pensamentos e imaginações, por exemplo, essas que eu estava mencionando agora: você começa a pensar nas coisas e a montar um sistema de impossibilidades na sua cabeça. Muitas vezes eu convido as pessoas para virem aqui, pessoas daqui mesmo que moram em outro estado ou pessoas que moram no Brasil: "Vem passar um tempo aqui, vai ser feliz, nós vamos conversar, aqui tem um monte de livros para ler". O sujeito responde: "Não, mas para viajar eu vou ter que fazer isso, mais aquilo, mais aquilo outro e mais outro...". Em suma, ele teria de resolver a sua vida toda para fazer uma viagem que só pode lhe fazer bem. Então você constrói aquele sistema de impossibilidades e isso, evidentemente, só pode lhe causar uma emoção depressiva. Ou ainda quando você começa a imaginar coisas que podem acontecer — por exemplo, você tem um inimigo que o odeia e você imagina: "Ele pode estar atrás da porta me esperando com uma faca, com um revólver, ele pode me mandar uma carta bomba, colocar um veneno na minha comida, sequestrar o meu filho...". Se você começar a pensar em tudo isso, começará a ficar com medo, evidentemente.

Então eu comecei a separar a idéia do que era exatamente a emoção do que era o conteúdo representativo que a provocava. Vocês vão se lembrar daquilo que eu mencionei nas primeiras aulas sobre teste com o baralho, das cartas vermelhas e azuis. Há ali, evidentemente, emoções envolvidas, tanto que aparece o suor na mão do sujeito, que é uma das marcas mais características

de uma emoção. Víamos também que a reação baseada naquela emoção imediata tendia a ser mais adequada à situação e a ter um melhor resultado do que a resolução do problema através da sua representação mental, supostamente racional. Isso nos mostra de uma maneira mais clara que geralmente o que se entende por uma emoção não é emoção. Muitos autores eminentes misturam a emoção com o conteúdo representativo que a produz.

Então eu comecei a perguntar: o que é propriamente uma emoção? O que é uma emoção considerada em si mesma, liberada da confusão com os elementos representativos? Eu vi que a melhor maneira de definir a emoção é dizer que ela é a reação do ser completo, o ser humano total, em face a um objeto. Ou seja, a emoção não é uma reação localizada, ela toma posse de você inteiro. Em que sentido isso poderia ser chamado de irracional ou racional? Racional tem de ser sempre, pois se trata de uma repercussão, e uma repercussão é proporcional ao seu estímulo, evidentemente. Então nada pode haver de irracional na emoção, ao contrário, ela funciona como se fosse uma caixa de ressonância. Ao vibrar uma corda do violão, o tímpano do ouvinte vibra proporcionalmente. As nossas emoções também são proporcionais; o que pode haver de irracional não é a emoção em si, é o objeto dela. Por exemplo, se aparece um tigre na minha frente e eu tenho medo dele. O tigre não é realmente temível? O tigre vem a mim com alguma boa intenção? O tigre vem pensando: "Está aí um bom sujeito, ele está encrencado e eu vou emprestar um dinheiro para ele...", é isso que o tigre vem fazer? Não, ele vem comê-lo! Então ter medo do tigre é a resposta adequada. Mas eu posso simplesmente pensar em um tigre e ficar aterrorizado. Ou seja, a emoção responde proporcionalmente ao objeto, mas quem o coloca para que a emoção responda? Pode ser a percepção e pode ser a imaginação.

A percepção pode cometer algum erro por deficiência da atenção. Isto é, você prestou atenção pelo lado errado, obteve então uma percepção inadequada da situação e a sua emoção respondeu proporcionalmente ao que você apresentou à ela, que foi uma percepção inadequada. Por exemplo, você ouve passos e supõe que é um ladrão que está dentro de sua casa. Isso foi um raciocínio que você fez. O raciocínio está errado e sua emoção responde ficando com medo, mas a culpa é dela? Não, foi o seu raciocínio errado que provocou a emoção. Você não comete erro na percepção em si, mas no raciocínio com que a representa; você oferece uma imagem errada para a emoção. Porém, se o objeto apresentado à emoção é puramente imaginário, totalmente construído por você, então é claro que a margem de erro é maior. Porém acontece que na vida nós não podemos nos orientar somente pelas percepções; existem muitas coisas que nós não vemos, mas a respeito das quais nós temos de tomar alguma atitude, então nós temos de representar imaginativamente a situação. Nisso você pode cometer erros e oferecer a você mesmo uma representação errada, e sua emoção vai responder proporcionalmente.

Esta idéia de que a emoção faz parte do irracional do ser humano é completamente irracional, pois não corresponde à realidade do que é a emoção. A emoção é simplesmente uma reação integral do ser. Não é uma reação particularizada: não é o seu corpo que tem emoção, não são suas idéias; é você, a pessoa inteira. É evidente, então, que é através das emoções que nós sabemos o estado real da pessoa, o estado integral dela, pois como a

emoção é uma resposta integral, é a pessoa inteira que está ali presente. É justamente através dos conhecimentos das nossas emoções que nós sabemos quem nós realmente somos, não através dos nossos pensamentos, porque afinal das contas você pode fazer uma sequência inteira de pensamentos sem acreditar em uma só linha do que você está dizendo. Nós podemos construir pensamentos totalmente hipotéticos, podemos imaginar uma história inteira sem nos identificarmos com ela. Por exemplo, quando mentimos. Nós só conseguimos mentir porque podemos imaginar como os outros vão imaginar certas coisas, sem que nós próprios as imaginemos assim. Se não pudéssemos fazer isso, não conseguiríamos mentir. Como é possível você representar em uma peça de teatro, se você não imagina uma sequência de emoções que você pode imitar sem compartilhá-las totalmente? Mesmo que você use o método Stanislavski, você não está repetindo as emoções dos personagens, mas as suas emoções do passado, de sua memória afetiva que exteriormente dão o efeito igual ou parecido com as emoções do personagem.

Então tanto o raciocínio quanto a imaginação podem se destacar daquele núcleo pessoal que diz "eu" e assumir a responsabilidade do que está falando, mas as emoções não podem. Não tem como você sentir medo, raiva, esperança ou tristeza sem saber que é você mesmo que está sentindo aquilo. São somente as emoções que nos informam a realidade do nosso estado; mas temos a pergunta: o que provocou este estado? Você está reagindo a alguma coisa que foi percebida com exatidão? Ou está reagindo [00:40] a um pedaço ou fragmento que você, erroneamente, tomou pelo todo? Você está reagindo a uma hipótese imaginária que você concebeu com exatidão e realismo, ou está reagindo a uma fantasia da sua cabeça? A percepção em si mesma não erra, o que erra é o raciocínio. Duas coisas podem errar, o raciocínio ou a imaginação; a percepção não erra e a emoção também não erra.

A percepção não erra porque ela não tem nenhum elemento racional ou irracional, a percepção em si escapa dessa divisão. O que erra são as faculdades construtivas da mente: o raciocínio que constrói uma sequência de silogismos, ou a imaginação que cria uma sequência de imagens, às vezes com uma presunção de que estas correspondem a uma realidade externa e às vezes sem isso. É aí que pode haver o erro, é aí que se introduz a irracionalidade. A irracionalidade só pode estar no raciocínio ou na imaginação, que também é uma forma de raciocínio. Preste atenção, Aristóteles já falava do silogismo imaginativo: quando você junta duas imagens, automaticamente elas produzem uma terceira, ou produzem uma resposta. Veja que toda a técnica do cineasta soviético Serguei Eisentein é a do silogismo imaginativo: junta-se duas imagens que naturalmente suscitam na imaginação do telespectador uma terceira. Ele fez um teste uma vez: ele filmou um ator parado, olhando para baixo; cortou o filme e intercalou várias cenas. Aparecia o rosto do sujeito, depois um prato de comida; o rosto do sujeito, depois um tigre feroz avançando nele; o rosto do sujeito, depois uma criança sorrindo para ele. Todo mundo que assistiu falou: "Nossa, como este ator é expressivo!", mas ele não estava expressando absolutamente nada. A expressividade foi criada como um silogismo: você juntou uma imagem com outra imagem, criou imaginariamente uma terceira e acabou vendo expressões faciais que o ator não tinha de maneira alguma. Então esse é o silogismo imaginativo.

Então tanto o raciocínio quanto a imaginação são funções construtivas com as

quais você constrói o que quiser. Você não está obrigado a seguir, no seu raciocínio, nenhuma determinação real; você pode raciocinar a partir de premissas completamente inventadas. Na imaginação também você não está obrigado a seguir o real, você constrói a coisa do jeito que quiser; a história é sua, o *show* é seu, você inventa do seu jeito. Só pode haver irracionalidade nas funções construtivas. Nas funções meramente reativas, como a percepção e a emoção, não pode haver erro, pois o erro está na reação inadequada ao objeto. Mas quem apresentou o objeto? A emoção não pode apresentar um objeto a si mesma, pois o objeto só pode vir da percepção, do raciocínio ou da imaginação. Veja que este é um erro que se consolidou por muitos anos. Há muitos séculos, desde o tempo de Descartes, temos esta idéia de que as emoções são a parte irracional. Se você começar a interpretar as coisas assim, será levado a muitos erros. O primeiro deles é que você interpretará o teste do baralho ao contrário: você vai confiar no que está pensando e não na reação imediata que você teve, quando é ela que está certa.

Ora, esta concepção de que as emoções são a parte irracional remonta precisamente a René Descartes. Ele — como estávamos vendo na última aula — é o filósofo mascarado, ele é exatamente como Maquiavel. Nós ainda não estudamos neste curso a minha apostila sobre o Maquiavel — que eu já dei em outros cursos —, mas nós vamos estudar. Inclusive, nas últimas semanas, eu fiz uma série de modificações nela, acrescentei algumas coisas, retirei uma série de outras, e agora temos uma versão mais confiável do meu estudo sobre Maquiavel. Ele é um autor ao qual eu não dediquei muito tempo. A sua obra é pequena. Embora haja um número enorme de livros sobre Maquiavel, a totalidade dos livros verdadeiramente importantes sobre ele são uns vinte. Em três ou quatro meses você pode acabar com o assunto Maquiavel. Tudo que eu consegui com meus estudos dos textos e livros a respeito está registrado naquela apostila. Com relação a Descartes, eu fiz dois escritos sobre ele, mas eles ainda não possuem conclusões finais porque ainda me falta ler alguns livros importantes sobre o filósofo, logo, as conclusões ali são parciais. Por exemplo, em nenhuma das duas apostilas eu menciono esse elemento da mentira proposital, do fingimento. Na época em que estava estudando para produzir aquelas apostilas, eu ainda estava trabalhando naquela hipótese de que Descartes havia se enganado, de que ele achou que estava vendo uma coisa, mas viu outra. Mais recentemente eu comecei a pensar na hipótese de que talvez ele, como Maquiavel, fosse um fingido, um mentiroso. Não um mentiroso levado à mentira por sua simples inclinação pessoal, mas por ter algum objetivo, algum plano. Plano de longuíssimo prazo, como o próprio Maquiavel. Este último cria um plano de sociedade — que ele chamava de Terceira Roma — do qual só vemos tentativas de realização no século XX.

Do mesmo modo eu comecei a pensar isso em relação a Descartes. Se ele foi tão fingido quanto parece ter sido, não foi por ser um sujeito extremamente medroso. Isso ele não foi, ao contrário, chegou a dar provas de coragem física até anormal e também sustentou debates com contemporâneos nos quais ele geralmente se saiu bem. Também não tinha muitos motivos para temer a Santa Inquisição pelo fato de que ele morou na Holanda e na Suécia, onde ela não tinha penetração alguma e nenhum mal podia lhe fazer; no máximo uma fofoca a seu respeito. Ele fez, inclusive, amizade com a Rainha Cristina da Suécia, que no começo o deixou tranquilo, sem nada para fazer na corte, com o tempo todo livre, casa, comida, roupa lavada e mais o estipêndio que a

rainha lhe pagava todo mês para gastar no que quisesse. Depois ela começou a gostar muito dos escritos dele e o tomou como seu professor particular. Ela o obrigava a acordar às cinco horas da manhã para lhe dar aula por cinco horas. Isso acabou por matá-lo. Naquele frio ele gostava de ficar meditando em sua cama quentinha — onde tinha as boas idéias — e estava acostumado a dormir até tarde. Depois ele teve de começar a acordar às cinco horas da manhã para trabalhar e acabou morrendo; mas este foi o único risco que ele correu lá.

Às vezes ele cita o caso de Galileu, que aconteceu enquanto estava vivo, e muitos biógrafos dizem que ele ficou aterrorizado com isso. Porém eu não acredito muito nisso, porque a condenação de Galileu foi um nada. Ele foi condenado a quê? Vocês não podem esquecer que Galileu era afilhado do Papa e na verdade ele foi condenado por ofendê-lo. O Papa deve ter pensado: "Bem, eu não posso aceitar a ofensa sem fazer nada, alguma coisa eu tenho de fazer, mas eu não quero destruir a vida do rapaz. Então o que a gente faz? Nós fazemos um tribunal meio fingido, [00:50] obrigado-o a se desdizer e o mandamos de volta para casa". Foi exatamente o que aconteceu: Galileu chegou no tribunal, se desdisse, voltou para a universidade, continuou ensinando as mesmas coisas que estava ensinando e nunca mais foi incomodado. Ele simplesmente livrou a sua cara e livrou a honra do Papa. Acabou, isso foi tudo! Fazer disso um martírio, como fez Bertold Brecht em sua peça *Galileu Galilei*, é uma palhaçada, é claro. Este famoso caso Galileu é um dos muitos elementos de fingimento e de teatralidade que nós observamos no começo da modernidade. Como também é um outro caso de teatralidade fazer de Giordano Bruno um mártir da ciência, pois ele jamais estudou nenhuma das ciências modernas e tinha horror a elas; tinha horror de matemática, de física, dessas coisas todas. Ele era o típico intelectual medieval, dedicado à retórica, às letras e tudo o mais; e, ao contrário, ele fez certas advertências sobre o curso que as ciências modernas estavam tomando que acabaram se revelando proféticas; ele foi um dos grande críticos das ciências modernas.

Então, quando começamos a estudar esta época, vemos que existe uma coleção enorme de hipócritas fingidos e mentirosos. Há uma preocupação geral em encobrir alguma coisa. Há uma concepção teatral do mundo que vai se consolidar em toda a cultura barroca: a idéia do "mundo como um teatro". Esta é a imagem mais constante. É nesta época que surgem os anfiteatros nas escolas de medicina, onde se monta uma classe exatamente como se fosse um teatro, no qual há um palco com um médico dissecando um corpo humano e em volta, pendurados, todos os emblemas da vida e da morte: caveiras, órgãos, inscrições latinas etc. Também é nesta época que se cria toda a estética da corte moderna, na qual se procura criar a figura dos monarcas de modo a torná-los *pop stars*. Os elementos de fingimento e de teatralidade são tantos que deve haver algo disso no conteúdo mesmo das filosofias; e quando você vai procurar, não é que está lá mesmo!?

Quando você estuda as filosofias desta época apenas pelo seu conteúdo explícito, sem levar em conta este elemento de fingimento, você não entende nada. Se você estudar pelo método Levy Strauss... ele percebeu este elemento de fingimento, mas explicou isto como medo de uma punição ou de uma perseguição exterior. Nos casos em que houve realmente perseguição, esta foi praticamente nula. Por exemplo, Spinoza foi excomungado da sinagoga, mas ele não ia na sinagoga mesmo; para ele foi um alívio ter sido excomungado:

"Agora eu não tenho mais de ir nesta porcaria, esses rabinos ficam me amolando". Galileu teve de dizer uma frase, voltou para casa e continuou fazendo a mesma coisa. Então o único sujeito que sofreu alguma coisa mesmo foi Giordano Bruno, que não participava desse ciclo moderno pois era um sujeito completamente às antigas. Sofreu não por causa de suas doutrinas, mas por conta da prática de bruxaria, que é uma coisa completamente diferente.

Então eu levantei a seguinte hipótese: quem sabe este elemento de fingimento não responde a um temor imediato de perigo, mas a algum objetivo de longo prazo que só pode ser realizado por meios camuflados? Quando vemos o efeito que essas filosofias tiveram nos séculos seguintes, vemos que este efeito foi exatamente aquele que, se percebido e revelado imediatamente, teria de fato trazido perigo à eles. Se as pessoas percebessem o que esses camaradas estavam tramando, acredito que teriam matado todos — e não teria sido má ideia. No caso de Descartes, a idéia é o seguinte: criar uma superfície católica muito ortodoxa e, embaixo dela, colocar não propriamente objeções à doutrina da Igreja, mas criar certas impossibilidades, certos bloqueios mentais que barrassem o caminho da imaginação, de modo a tornar impossível a ela a compreensão, pelo menos imaginativa, das verdades da Fé.

Como é que funciona isso? Eu, no estudo sobre Maquiavel, notei que ele tinha uma técnica de apresentar o seu argumento de tal modo que o leitor, sem perceber, se envolvesse em uma blasfêmia. O indivíduo se tornava uma espécie de blasfemador inconsciente na medida em que ele aceitava aquele raciocínio. Por exemplo — mais tarde estudaremos isto com cuidado —, Maquiavel diz em uma parte da sua obra que a Igreja decaiu muito e se afastou da pureza do seu ensino originário. Em outra parte ele diz que todos os milagres são truques teatrais com os quais se domina a imaginação do público; ele não concebe milagres senão exatamente neste sentido fingido. Então, qual é a conclusão? Jesus Cristo conseguiu enganar todo mundo e agora a Igreja não consegue mais, e isto foi exatamente a decadência da Igreja. Parece que ele está condenando a decadência, a corrupção dos costumes da Igreja e a perda de fé originária, quando na verdade está condenando a perda da capacidade de enganar, ou seja, ele está considerando a Igreja como se fosse uma quadrilha de ladrões que se tornou ineficiente. Quando acompanhamos o raciocínio na superfície, o outro raciocínio está embaixo. A linguagem que ele usa para condenar a decadência da Igreja é a mesma linguagem que qualquer moralista contemporâneo da época — e haviam centenas de autores — usava para criticar o clero: "você são um bando de vigaristas, que estão tomando o dinheiro das pessoas, enganando-as; vocês nem rezam missa mais, não acreditam em mais nada disso". Veja que a Teologia da Libertação usa esta mesma linguagem: "Nós perdemos a inspiração do cristianismo primitivo, nós temos de voltar ao tempo dos primeiros apóstolos etc... no tempo em que era todo mundo comunista..."; que legal, não é?

A mesma linguagem da condenação moralística vem em duas camadas: uma camada aparente, a da própria condenação moralística, e outra embaixo, constituída de uma ofensa brutal à Igreja e ao próprio Jesus Cristo. Mas se você engole a primeira, também estará engolindo a segunda em um nível inconsciente de leitura, e com isso Maquiavel vai tornando o leitor culpado do que ele está fazendo. Nada o torna mais solidário a uma pessoa do que você

compartilhar culpas com ela. Essa é a técnica usada por qualquer quadrilha de traficantes. Como é que eles envolvem um garoto? Eles o obrigam a participar de um primeiro assalto ou qualquer coisa assim; logo está formado o elo de solidariedade. Na medida em que você se opõe à sociedade em geral, você está mais vinculado àquele grupo em particular; como diria Znoviev, você passa dos valores societários para os valores comunitários ou comunais. Isto é usado na máfia, nas Farcs; [1:00] qualquer quadrilha de bandidos procede da mesma maneira. E esta é a técnica que Maquiavel usa para envolvê-lo naquilo. De algum modo você fica solidário de Maquiavel, mesmo quando o odeia. Você pode condenar uma frase ou outra que ele diz, mas está envolvido no crime; a não ser que você perceba qual foi a operação na qual você foi levado a participar meio inconscientemente e se limpe daquilo. Mas como é que você vai se limpar de um delito que não sabe que cometeu?

Então comecei a pensar se outros autores da época não usavam o mesmo procedimento. Nós vemos que Descartes usa-o o tempo todo. Ora, ninguém usa esse tipo de procedimento só porque está com medo de uma punição externa, mas por ter algum objetivo para fazer isso. Se o sujeito tem medo da inquisição, ele simplesmente não escreve coisas que a desagradem, ou diz coisas que a agradem em público e coisas que a desagradem no círculo privado. Se alguém usa o discurso de dois andares, de duas faixas, é porque pretende que a faixa mais profunda e mais camuflada tenha mais efeito de longo prazo que a outra, pois as pessoas vão ler a coisa na superfície, mas o que vai impregnar nelas é a mensagem cifrada que está no fundo. A mente humana tende a funcionar de uma maneira sistêmica, ela busca a coerência com uma obstinação incrível. A nossa capacidade de raciocínio é pura busca da coerência. Mas não é possível atingir a coerência quando você não está consciente dos elementos que estão em jogo. O que é a coerência? É uma simplificação e estruturação. Mas esta estruturação pode fugir completamente da realidade e se tornar somente um mundinho imaginário que o sujeito construiu só para se sentir bem lá dentro, ao mesmo tempo em que ele continua imerso na incoerência e em tudo mais. A esta operação de buscar a coerência, buscar a estruturação, tem de haver outra operação contrária que é a de se abrir à toda diversidade e multiplicidade do estímulo e suportar a situação de incoerência. Esta dialética de abrir-se à multiplicidade, estruturar a unidade, depois dissolver a unidade e abrir-se novamente permitindo a entrada de novos elementos, precisa ser constante. Como dizem os alquimistas, *solve et coagula*; você dissolve na multiplicidade, depois você coagula, unificando de novo. Este é o funcionamento da mente humana.

Quando há a entrada desses sub-raciocínios, dessa linha mais ou menos oculta ou camuflada de raciocínio por baixo de uma outra a qual o leitor está prestando atenção conscientemente, o que você fez? Você rompeu a unidade da mente do seu leitor, do seu ouvinte, em um nível que ele não capta, ou seja, você lhe inoculou uma neurose. Naturalmente a neurose por si provoca outros problemas, outros enigmas, outras questões, outras dificuldades, outras perguntas; e você pode passar a vida toda tratando dos elementos que sua neurose causou e se afastando cada vez mais da realidade de sua situação interior.

Na aula passada eu mencionei o livro do Maxime Leroy, *Descartes, le Philosophe au Masque*, e tive a sorte de no dia seguinte o livro chegar à minha mão. Eu

não tinha lido ainda, só o conhecia pela menção feita no livro de Etienne Couvert, que lemos parcialmente na outra aula. Durante a semana eu li o livro e há alguns trechos que eu gostaria de ler, ou ao menos resumir para vocês. A coisa é um pouco complicada...

Veja que Descartes coloca como princípio da certeza, do conhecimento certo, aquela certeza imediata que o Eu tem de si mesmo enquanto sujeito do raciocínio; quer dizer, eu penso, eu raciocino e a minha existência é a condição sem a qual eu não poderia raciocinar. É uma certeza puramente interna que diz respeito não à realidade das coisas, mas ao próprio processo do conhecimento. A certeza que eu tenho é com relação ao meu processo interior de conhecer. Mas de conhecer o quê? Os objetos do mundo? Não, de conhecer a mim mesmo. Em seguida, Descartes diz que quem garante a ponte entre este conhecimento puramente interior e o mundo externo é Deus, pois Deus criou o mundo exterior e não iria infundir na sua mente um monte de ilusões só para enganá-lo, pois para isso Deus precisaria ser mau. Como ele argumenta que Deus não é mau? Ele apela para o argumento de Santo Anselmo, que concebe Deus como um ser perfeito e o ser perfeito não seria ao mesmo tempo inexistente, porque a inexistência seria uma imperfeição; do mesmo modo ele não pode ser mau, pois também seria uma imperfeição, e assim por diante; é o velho argumento de Santo Anselmo. Porém, nós vimos na outra aula que ele concebe Deus eminentemente como o inventor, o criador da matéria. E ele diz que enquanto ser dotado de livre arbítrio ele está no mesmo plano que Deus: Deus toma as suas decisões sem ser forçado a isso por nada externo e ele também; ele está livre para crer, não crer, afirmar ou negar, querer ou não querer, e assim por diante. Então veja o que diz Maxime Leroy:

Deus, que não é invocado senão depois da razão, Descartes o encerra nas leis do peso, da medida e do número que ele criou, condenando-o assim, em nome de sua perfeição, à monotonia de uma eterna constância. A quantidade de movimento é invariável, como a quantidade de matéria.

Ou seja, Deus criou a matéria conforme as leis do número, da medida e do movimento, e essas leis são eternas. Então, imediatamente, a ação de Deus está limitada a essas mesmas leis. E se essas leis são eternas e imutáveis, Deus não tem como interferir; logo, Deus não faz absolutamente nada. Em um outro pedaço Descartes propõe a teoria da criação constante. Isso é evidentemente uma incoerência: por um lado as leis são eternas e por outro o mundo está sendo recriado a todo momento por Deus, exatamente como era. Como é que o mundo continua a existir? Ele diz que Deus está recriando-o constantemente, é claro que há uma incoerência aí.

Deus, tão imutável nos seus designos quanto a natureza o é na manifestação dos seus fenômenos, se mantém por acaso na sua constância inabalável, como afirma Descartes, por um livre ato de onipotência? De fato, esta vontade não se confundirá secretamente em Descartes com aquela constância material, ao ponto de ser de algum modo absorvida por ela, pois que Deus é tido como alguém que, em razão de sua perfeição, não poderia jamais trazer desordem a sua obra, que ele criou segundo as leis fixas do peso, da medida e do número. Descartes proíbe a Deus o impossível (...)

Então pergunta ele:

(...) o impossível, e portanto também o milagre?

Veja que a exclusão do milagre é a finalidade de todo este raciocínio. Há no livro do Paul Hasard, *La Crise de la Conscience Européenne* — A Crise da Consciência Européia, um dos grande livros da história —, um capítulo importante sobre a negação do milagre. Há uma sequência de autores que mais tarde vão negar explicitamente o milagre, mas todos eles [1:10] o negarão a partir deste argumento de Descartes, no qual não parecia haver nenhuma negação e nenhuma restrição, ao contrário, parecia haver uma celebração da onipotência divina.

Recusando-se totalmente a qualquer crítica metafísica mais ampla, (...)

A parte metafísica de Descartes é muito pequena, é só *Meditações de Filosofia Primeira* e o *Discurso do Método*; o resto trata de outros assuntos.

(...) podemos perguntar-nos se estas idéias não abrem uma visão sobre o pensamento profundo (...)

A *derrière pensé*, aquilo que é pensado por trás do pano.

(...) de Descartes sobre o mecanismo profundo de uma psicologia, onde nada revela um exaltação devota da divindade. Não se vê aqui o homem de piedade e nem mesmo o metafísico religioso e cristão, que foi proposto pelo senhor Alexander Koyré no seu estudo sobre Descartes.

É um clássico dos estudos cartesianos o livro do Koyré, *Ensaio sobre a Idéia de Deus em Descartes*.

A idéia de que Descartes é um pensador muito católico foi aceita por todo mundo e os primeiros que aparecem negando isso claramente — que eu vejo — foram o Etienne Couvert e o Maxime Leroy. É claro que alguém percebeu isso antes, mas não aprofundou o assunto. Ele diz:

Maurice Blondel escreveu de um ponto de vista católico, com muita perspicácia, que "*Descartes não retém de Deus senão aquilo que lhe permite dispensá-Lo, que lhe permite prescindir Dele*".

Ou seja, ele conserva da idéia de Deus tudo aquilo que O torna absolutamente desnecessário ao que quer que seja no mundo real, embora ele admita Deus como fundamento da conexão entre suas idéias e o mundo exterior.

Com um menor risco ele se teria, portanto, protegido sob o escudo destas considerações aparentemente conformistas, mas na realidade heréticas, talvez mesmo ateísticas. Como os testemunhos de sua vida, os pastores protestantes da Holanda, chegaram a ver encolerizados com uma visão tão clara (...)

Ou seja, os pastores protestantes que o rodeavam perceberam esse elemento herético que estava lá, mas não foi com a identidade de herético que Descartes foi visto pelo mundo. Aquela camada externa, aparentemente ortodoxa católica, passou como se fosse uma coisa válida. Veremos nos séculos seguintes, como bem destaca Etienne Couvert, que praticamente todo o ensino católico se torna cartesiano. Conforme já citei, isso chega ao ponto

de, no século XIX, Victor Cousin descobrir por acaso em uma livraria um livro de Santo Tomás de Aquino, que ele nunca tinha ouvido falar. O sujeito era o chefe da educação filosófica na França, era o ministro da educação, mas não sabia nada de Santo Tomás de Aquino. Ele lê e diz: "Ah! Até que não está tão mal assim". A retomada dos estudos de filosofia escolástica só se dará com a bula de Leão XIII, *Eterni Patris*, na qual ele diz uma frase decisiva: "É perigoso afastar-se dos ensinamentos de Santo Tomás de Aquino". O Papa falou isso e imediatamente todo mundo começou a estudar Santo Tomás de Aquino, e teve como resultado a criação desse imenso movimento neo-escolástico no século XX.

Se Descartes afirma que Deus é o autor do mundo, que este foi criado imediatamente por Deus, segundo os ensinamentos da Bíblia, ele descreve de fato, nos livros *Tratado do Mundo* e *Princípios*, aquela criação sem fazer aparecer nos detalhes dos acontecimentos ou na exposição dos princípios gerais os efeitos dessa vontade. Ela é afirmada e tudo se passa como se ela não existisse.

Ou seja, ao afirmar Deus como criador da matéria, das leis do número, da medida e do movimento, ele imediatamente dispensa a Sua presença no que quer que seja de fato concreto no mundo real. Ele simplesmente demite Deus, parecendo que O está louvando e enaltecendo. Será que ele não percebeu isso? Impossível. Tanto percebeu que ele, sem ter desafiado claramente a ortodoxia católica, como havia feito Galileu, temeu que algo similar pudesse acontecer a ele.

Descartes, após a sua tentativa de teodisséia (...)

Teodisséia é a justificação de Deus.

(...) não sonha senão em diminuir cada vez mais o papel de Deus no universo, substituindo-se mesmo a Ele. Pode-se mesmo perguntar se Deus, que nasceu da mesma intuição que é a evidência da razão, não seria antes o pseudônimo dado publicamente por Descartes, com humildade fingida, à uma certeza que não ousou confessar, que ele pretendeu se substituir à Deus e dispensá-Lo, prescindir Dele.

Então Deus passa a ser apenas o pseudônimo da razão. Notem que o desenvolvimento de todo o materialismo e ateísmo dos séculos seguintes se baseou nisso; ou seja, se Descartes tem uma filosofia de superfície e uma filosofia profunda mais escondida, foi a filosofia profunda que influenciou o curso das coisas, do mesmo modo como um vírus de computador, que entra discretamente, mas se alastra depois. Essa é uma das coisas mais paradoxais e temíveis da mente humana: como é que aquilo que justamente você não percebeu acaba se tornando o mais importante e domina o círculo todo da sua consciência? Isso é o que depois veio a se chamar a influência subliminar.

O termo subliminar foi inventado por um eminente psiquiatra austríaco, Dr. Otto Poezl, que foi o professor e protetor de Viktor Frankl. Este consegue conservar o seu emprego, sendo judeu, graças a influência do Otto Poezl. Ele fez uma das descobertas mais espetaculares da psicologia de todos os tempos. Ele inventou uma máquina que se chama taquistoscópio — *taquis* quer dizer manchinhas, pequenas manchas — que projetava na parede uma figura com

certo número de pontos; uma, duas, três, quatro, cinco figuras. Cada uma das figuras ficava na tela 10s ou 15s, mas entre uma e outra ele intercalava uma outra figura que era projetada por uma fração infinitesimal de segundo, de maneira que não era percebida pela pessoa. No dia seguinte ele perguntava quais as figuras que as pessoas lembravam e, sistematicamente, elas lembravam não das figuras vistas por 10s ou 15s, mas daquelas que não tinham visto, porque tinham sido projetadas por uma fração infinitesimal de segundo.

Esta técnica subliminar já aparece claramente em Maquiavel, mas porém, muito mais habilmente, em René Descartes. Ele constrói toda a sua filosofia como se fosse uma defesa da ortodoxia católica, mas como é que uma filosofia tão católica desencadeou efeitos tão ateísticos e materialistas? Simples, porque as partes ateístas foram projetadas como as manchinhas infinitesimais do Dr. Otto Poezl. [1:20] Este procedimento é observado em praticamente todos os filósofos dessa época: isto aparece em Newton, em Galileu, em Bacon — se bem que comparado à habilidade de Descartes, Bacon é uma besta quadrada. Bacon é burro, realmente, burro. O livro de Joseph de Maistre, *Exame da Filosofia de Bacon*, é de ler e chorar. Como é que um jumento desses pode chegar a ser tão influente ao ponto de ser considerado um mestre esotérico? Ele é influentíssimo na Maçonaria americana, é um ídolo até hoje da Maçonaria Anglo-Saxônica, como se fosse o guru dos gurus, mas ele é realmente uma besta quadrada. Sim, é uma besta quadrada, mas esses elementos taquistoscópicos estão presentes também lá.

Então, do mesmo modo em que ele tornava impossível a aceitação do milagre, ou seja, da atuação da Providência — "Deus pode recriar o mundo a qualquer momento, mas o recria de acordo com as leis eternas que Ele mesmo se impôs a si próprio e das quais não pode mais fugir" —, as pessoas perguntavam: "É a transubstanciação? Como explicar a presença real do corpo de Cristo na hóstia?". Isso foi grande matéria de debate na época, pois estava havendo a difusão da reforma protestante e eles não acreditavam na transubstanciação. Eles viam o rito da eucaristia apenas como um procedimento simbólico, teatral, uma espécie de homenagem.

Cá entre nós, alguém pode me perguntar como é que eu explico o milagre da transubstanciação. Eu posso ser uma besta quadrada, mas acho isto a coisa mais evidente do mundo. Jesus Cristo é a inteligência de Deus, é o Logos Divino. Tudo o que foi feito, foi feito pelo Logos Divino. Antes que o mundo existisse, a estrutura da inteligência divina já estava pronta e todas as leis da matemática, da física, já estavam lá. Então o Logos Divino está presente em toda a criação, Ele não pode estar ausente por um único minuto. Porém pode haver duas formas de presença: há essa presença geral e constante, e há a presença específica em um pedaço de matéria qualquer; isto depende apenas da vontade de Jesus Cristo. Então, para mim, isto é a coisa mais óbvia do mundo. É claro que Cristo está fisicamente presente ali, pois a inteligência divina está fisicamente presente no que quer que seja físico, se ela não estiver lá, a coisa não tem presença física. Portanto, se Jesus Cristo quer estar em um pedaço de pão, ele vai estar, evidentemente. O pedaço de pão não tem a capacidade de mandá-lo embora, o pedaço de pão só pode optar entre duas coisas: ou existe a presença genérica, que é a presença que há em todos os

objetos materiais sem excessão, pois estão todos submetidos às mesmas leis da inteligência divina — que eu expliquei no texto “O Mundo dos Princípios”, não sei se está colocado no site, mas deve estar —, mas se pode ter a presença genérica, também pode ter a presença particular.

Para mim, sinceramente, o milagre da transubstanciação não me espanta absolutamente. Me espantaria se ele não acontecesse, se alguma coisa pudesse bloqueá-lo ou impedi-lo: “Sai daí!”. Mas não pode sair, porque se o Logos Divino sai de um pedaço de matéria, este pedaço de matéria inexistente. Ele não deixa de existir naquele momento: ele nunca existiu. E se pode haver a presença constante que está disseminada em toda a matéria, tem de poder haver a presença concentrada em qualquer pedaço de matéria à discrição de Jesus Cristo, conforme Ele queira. Assim como a sua inteligência — preste muita atenção — está presente em absolutamente tudo o que você faz, têm algumas coisas nas quais você presta mais atenção, então está mais presente lá. Se até você pode fazer isso com aquelas coisinhas que você cria, por que a inteligência divina, que criou tudo que existe, não pode estar presente em um pedaço de material especial? Então eu acredito que a transubstanciação não apenas acontece, como ela tem de acontecer! Ela não é algo que viola as leis da natureza. Esta é outra estupidez: definir o milagre como aquilo que viola as leis da natureza, como se nós conhecêssemos as leis da natureza, e como se haver leis da natureza não supusesse que há outras leis por baixo, mais gerais, que são as leis da própria Inteligência Divina, que transcendem infinitamente a natureza. Mas aquilo que transcende, por definição, contém, abrange e ultrapassa.

Eu acho que Deus jamais violou uma lei da natureza, pois foi Ele quem inventou todas, logo Ele sabe todas as variantes dela que nós não sabemos. Dizem que um dia nós vamos encontrar todas as explicações naturais para isso; sim, você vai encontrar as explicações naturais até o momento em que a ela se fundamenta em uma explicação metafísica. Por exemplo, existe alguma explicação natural que possa transcender o princípio de identidade? Não, não tem. Daí para diante você ultrapassou o mundo físico sem violá-lo. O princípio de identidade viola as leis da natureza? Não, mas ele também não é uma lei da natureza, ele abrange todas, e assim por diante.

Os escolásticos explicavam o milagre da presença real, sem que o exterior da substância mudasse, invocando a sua concepção mesma da substância. A substância sendo - segundo eles - independente das suas manifestações exteriores, de cor, de extensão e de forma, parecia-lhes possível que a substância sofresse uma modificação sem mudança aparente desses acidentes. Mas, como se vê, esta explicação deixava ao fenômeno a sua característica de milagre; que permanecia portanto na totalidade, racionalmente incompreensível.

Eu já acho isso um exagero. Eu acabei de dar uma explicação inteiramente racional, mas ao mesmo tempo, de certo modo, supra-racional, pois se baseia não no funcionamento interno da razão, mas nos princípios que a constituem e a tornam possível. Prossigamos:

O cartesianismo não era favorável, por si mesmo, a esta explicação pretensamente racional do mistério, porque rejeitava a distinção teológica da

substância e dos acidentes. Descartes não propôs, nem por isso deixou de propor duas explicações: (...)

Olhem que coisa, é aquilo que eu estava falando da máscara...

(...) uma oficial e vulgar, a outra esotérica, à qual ele se atinha e que pretendeu manter secreta entre ele e alguns iniciados, (...)

Mas que está entremeada no texto público...

(...) julgando-a melhor que aquela explicação que a Igreja fornecia e acreditando que a Igreja deveria aceitar a sua explicação.

Isto é o mais interessante:

A virada, este giro (...)

Adrien Baillet, no livro *A Vida de Descartes*, nos conta:

(...) consiste em explicar a transubstanciação miraculosa que se faz no santo sacramento, pela transubstanciação natural que faz dos alimentos o nosso próprio corpo, sem milagre algum. Assim, portanto, Descartes comparava o mais alto milagre da fé ao fenômeno da digestão:, já não há mais mistério.

É claro que esta explicação é de uma estupidez e de um materialismo grosseiro, daquele que merece — com o perdão da expressão — ser respondido com um ponta-pé na bunda; não há outra resposta, "Ah é, você acha que é uma espécie de digestão?"... Veja onde termina esta coisa, como é que aceitamos que esse sujeito é católico em qualquer sentido, mesmo remoto, do termo? Mas se esta é a explicação que ele realmente acreditava, embora ele exteriormente e popularmente desse outra, é claro que na estrutura do conjunto do seu argumento é esta explicação que está embutida; como uma manchinha no taquistoscópio do Otto Poezl, é esta que vai se propagar.

[1:30] Nós jamais entenderemos o processo da filosofia moderna e de todos os efeitos históricos que ela teve se não remontarmos até essa época, impiedosamente abriremos todas as caixas pretas e descobriremos ali todas as mensagens subliminares, pois foram elas que se propagaram e não a doutrina explícita. Veja que filósofos que atacaram explicitamente a fé tiveram muito menos efeito a longo prazo que Descartes ou Kant, que pareciam defendê-la, mas colocando ali o subliminar. Este argumento que ele apresenta, que reduz a transubstanciação a um caso de digestão, não aparece na obra publicada, aparece na vida de Descartes descrita por Baillet — isso era o que ele dizia para os seus amigos. Se isso é o que ele realmente acreditava, então é evidente que aquilo é coerente com o conjunto do que ele apresentou externamente e é, de certo modo, exigido por este conjunto. Então, mesmo que não tenha lido esta explicação, você será tentado a aproximar-se dela na medida em que assimila o restante da mensagem de Descartes, sem saber que você também está engolindo isso junto.

Então, o começo da Modernidade foi a época do fingimento, da máscara. É justamente a época em que não só o teatro se torna a grande representação

do mundo, mas em que os bailes de máscaras se tornam a celebração mais característica das cortes. E é também a época em que se começa a caprichar na figura do rei — existe até um livro que se chama *A Fornicação do Rei*, mas eu esqueci o nome do autor —; ou seja, é época em que se constituem os Estados e nações modernas, então é necessário de algum modo recobrir o rei de uma figura divina. Não que houvesse algo propriamente divino nas pessoas dos reis. Havia o famoso dom de cura que os reis da França de fato tinham — existia uma série de doenças que poderiam ser curadas com a imposição das mãos do rei —, isto acontecia realmente, aconteceram milhares e milhares de casos. Mas isso dependia da sagração, quer dizer, a Igreja o constituía como um rei. De repente o rei começa a ser *causa sui*, começa a ser a fonte da sua própria autoridade. Isso acontece na própria França, que era país mais católico que existia. Eles criam a Igreja Galicana e nesta igreja o Papa não tinha autoridade, a autoridade era apenas do rei. A mesma coisa acontece com a Inglaterra. Eles criam várias igrejas nacionais. Então é necessário embelezar a figura do rei para realçar a sua dimensão divina que ele passa a ter não por uma delegação da Igreja, mas por sua própria natureza. Até hoje o pessoal mais católico e conservador que há na França acredita nesta porcaria: que a missão divina da casa real da França é *causa sui*, então são todos galicanos no final das contas. Se você aceita o primeiro passo da caminhada revolucionária, você vai, por conta do caráter sistêmico da mente humana, assumir o resto; querendo ou não, por mais conservador que você seja. Se você engole um determinado princípio, você vai engolir as consequências também, ainda que sem saber.

Uma das missões que incubem esta geração de alunos que eu estou preparando é fazer um estudo de tudo isso. Não é trabalho para uma única pessoa. Eu iniciei isso com os estudos da Mentalidade Revolucionária e a Paralaxe Cognitiva, porém isto só poderá ser elucidado de maneira completa por uma multidão de estudos monográficos, caso por caso. É trabalho para muita gente. Eis aí um exemplo de uma linha de investigação. Ao final do curso, no último ano, eu vou pedir um trabalho monográfico para todos e eu quero que seja muito caprichado. Há uma multidão de casos de fingimento, teatralidade, paralaxe cognitiva etc., e isso foi o começo da modernidade. É claro que isso é a preparação do reino universal da mentira, há um aspecto apocalíptico na coisa, sem querer ser profeta ou coisa alguma.

Eu acho que podemos fazer um intervalo agora.

Intervalo [1:35:22]

Aqui eu recebi uma mensagem da Luciane do Paraná. Ela combinou uma vinda do pessoal, dos engenheiros do Ceará para Curitiba e em dezembro começarão um Instituto lá no Ceará. Ela viajará com o Eduardo Dipp no fim de novembro para o Rio de Janeiro para a inauguração do Instituto carioca: "Estou com uma pessoa que fará isso tudo em Brasília, daremos início ao projeto no meio do próximo ano. Quarta chegam aqui mais pessoas do Rio de Janeiro, e conseguimos falar com o Angelo Monteiro, que se disponibilizou para vir à Curitiba", diz ela. Olhem que maravilha! A coisa está acontecendo. Aí é gente que faz.

Aluno: Eu estou embasbacado até agora com a incrível jumentísse deste

senhor que eu outrora respeitava, René Descartes. Se de fato ele acreditava que a transubstanciação era apenas o decorrer dos processos digestivos ou digestório, logo é razoável pressupor que para além de um fingido, farsante e impostor, Descartes era uma pobre vítima do demônio com quem teve uma experiência pessoal traumatizante (...)

Olavo: Sim, aqueles famosos três sonhos.

Aluno: (...) Não só do ponto de vista comum, mas de uma perspectiva esotérica subliminar mais profunda (...)

Olavo: Perfeito!

Aluno: (...) Chego inclusive a cogitar a possibilidade do referido filósofo não ter sido, em algum grau de subconsciência, possuído; estou certo de que ele, entretanto, prestou-se ao serviço de office boy dos mais vulgares dentro da história do satanismo (...)

Olavo: Perfeito.

Aluno: (...) Dentro deste quadro, um sujeito aparentemente genial e inteligente ter sido facilmente cooptado pra a servidão do maligno, sendo equivalente ao contador que lava o dinheiro sujo de uma sujeito bilhardário, fico estarrecido e preocupado com a possibilidade de eu, assim como muitos outros, não sejamos geniais e brilhantes e sermos vítima do maligno.

Olavo: Olha, esta preocupação é inteiramente justa, pois o sumiço da perspectiva espiritual é também o sumiço do diabo. A pergunta é muito oportuna não só por causa deste caso que estamos examinando, pois vemos que no começo da modernidade há um processo geral de ocultação: não se trata de combater ou de enfrentar doutrinas, mas de, mediante um conjunto de artifícios, torná-las mentalmente inacessíveis. É uma cegueira planejada, como na história do José Jota Veiga: "colocar tabiques" — aquela cidade do interior que é invadida por uma firma que começa a colocar tabiques aqui, outros ali, e daqui a pouco ninguém enxerga mais nada. Então é um processo mais ou menos desse tipo.

A pergunta também é oportuna para mim, pois eu estou lendo um livro, um dos mais impressionante que eu li na minha vida, que é o romance do escritor americano Hubert Selbey Jr., um gênio absoluto da ficção. Ele é um sujeito que teve uma vida das mais miseráveis; no começo da vida entrou na Marinha Mercante, ficou dois anos, pegou uma tuberculose, voltou para casa e teve de ficar deitado lá anos a fio. Depois começou a ingerir drogas, ficou viciado, desgraçou a vida completamente e tardiamente conseguiu curar-se, levantar-se, e escreveu livros que mostram uma compreensão muito profunda do processo demoníaco. Um dos romances dele, o único que eu li até agora — faltam dez páginas para eu acabar o livro, esqueci em casa, pretendia terminar na viagem e não consegui, mas já deu para entender o que vai dar —, é sobre a inviabilidade, a incapacidade, a quase impossibilidade de a sociedade moderna lidar com um caso [1:40] não de possessão, mas de obsessão demoníaca. Quando há a possessão, há uma manifestação exterior e visível,

mas no caso da obsessão demoníaca não, é difícil distinguir esta de uma neurose, psicose etc.

O personagem, que se chama Harry White, é obviamente vítima de uma obsessão demoníaca — eu vou contar um pedaço da história, com o risco de estragar a leitura. Harry White era uma pessoa normal, inteligente, não genial, mas tinha uma certa capacidade; bom filho, gostava muito do pai e da mãe, uma pessoa equilibrada; só que ele tinha uma mania, ele pensava muito em sua carreira, em subir na vida, então não queria se comprometer com mulher alguma, pois pensava que aquilo iria atrasar a carreira. Então ele desenvolveu uma técnica de "cantar" mulheres casadas, levá-las para a cama uma ou duas vezes no máximo e depois desaparecer. Assim ele foi fazendo a sua coleção de mulheres. Ele não ligava nenhum pouco para elas, mas era um sujeito bem afeiçoado, tinha uma boa conversa, então comeu algumas dezenas de mulheres casadas. Mas com o tempo ele vai se dedicando cada vez mais a estas atividades e começa a chegar tarde no emprego. O leitor fica torcendo pelo sujeito: "Pô, ele estava indo tão bem, ele vai desgracar tudo por causa disso? Não é possível!". Então ele consegue equilibrar e acaba subindo na carreira; duas vezes o negócio fica periclitante, mas ele consegue escapar. Depois, quando ele já está um pouco cansado deste vício, ele conhece uma moça, se apaixona e casa com ela; mulher maravilhosa, linda etc., os dois se amavam e parece que estava indo tudo bem. O chefe tinha o aconselhado a casar, "você tem de casar, constituir família...", e por coincidência ele conhece a moça e casa. Então ele começa a subir mesmo na profissão, vira vice-presidente da empresa, bem-sucedido, mas continua com o negócio das mulheres, ele não consegue parar. Porém agora ele tem mais controle, ele consegue fazer rapidinho na hora do almoço ou depois do expediente; consegue mais ou menos equilibrar a coisa, mas são cada vez mais mulheres. Depois ele começa a baixar de nível, começa a ficar com mulheres mais e mais bregas. Nesta altura o casamento dele fica mal amparado, embora ele amasse a mulher e a mulher o amasse, começa a dar tudo errado pois ele não se comunica com ela. Eles começam a ver que o sujeito está com problemas e ele está com aquela tensão interior, começa a ter nojo de si mesmo, não consegue mais transar com a mulher. Até que um dia ele tem uma explosão: ele está com os sócios, homens de negócio, e de repente começa a gritar e dar murros no prato. Então eles vêem que alguma coisa não está legal com o colega e o mandam para um psiquiatra. O psiquiatra passa longe da história, começa a achar que é um problema de repressão sexual e pergunta: "Seu pai e sua mãe pegaram você se masturbando? Você tem algum trauma?", mas não é nada disso. Evidentemente o tratamento não serve para absolutamente nada e ele continua fazendo as mesmas coisas, só não conta para o psiquiatra. Até que um dia ele entra em um desses inferninhos e é assaltado, batem nele e o mandam para o hospital; nessa altura a mulher já tinha ido embora morar na casa da mãe e ela volta para cuidar do sujeito.

Veja que ele não entende o que está se passando com ele, a mulher dele nem sabe, o médico menos ainda, os colegas menos ainda; todo mundo está passando longe. Você olha a sociedade inteira e comprova que todos são incapazes de lidar com o problema; é evidente que isso não é um problema sexual, é evidente que é uma obsessão demoníaca. A palavra demônio só aparece na página 228, mas daí já está claro que este personagem ativo está

por trás de tudo isso e ninguém o está vendo, e quanto mais tentam ajudar o sujeito, mais ferram com a história. E eu estou vendo que no fim vai dar tudo errado. Não sei como termina, mas até onde eu li e a coisa é absurdamente perfeita, porque o personagem principal é o ausente, ele só está presente no título que é *The Demon*, O Demônio. Você vai lendo e no começo você não entender pois não há nenhum demônio ali, pois ele está invisivelmente destruindo a vida do sujeito, levando-o para o buraco; tomou assinatura com ele: "Não, esse aí eu não perdoo". E não aparece nem demônio e nem Deus, aparece apenas a sociedade humana, este mundo horizontal e plano.

Então isso quer dizer que a sociedade inteira se tornou inerte perante estas coisas, ela é indefesa. Veja que qualquer explicação, do que quer que seja, por fatores divinos ou demoníacos, não tem viabilidade prática na vida atual. Mesmo sabendo que é uma ação demoníaca, você vai ter de achar outra explicação, pois essa não vai parecer verosímil para as pessoas. E se não é verosímil para ninguém, quanto tempo você consegue continuar acreditando em uma coisa que ninguém acredita, em que ninguém vê? É difícil, não? Você mesmo acaba se tornando indefeso para todos os fatores invisíveis, de ordem espiritual, que são, no entanto, determinantes na conduta humana.

A capacidade de representar a presença demoníaca na ação ficcional, na ação romanesca, teve como especialistas três escritores: Dostoiévski, François Mauriac e Georges Bernanos. Mas este Hubert Selby é um ás. Talvez seja o sujeito que melhor lidou com o assunto, pois o demônio está absolutamente invisível e a maior parte das ações nada tem de sinistro; ao contrário, ele descreve como o sujeito está progredindo no emprego, como o casamento está indo bem, nasce o filho, eles vão para uma casa bonita etc.; e o leitor fica torcendo para a vida do desgraçado dar certo, porque não tem nada para dar errado, só tem esse fator invisível.

Então, neste sentido, todos nós nos tornamos vulneráveis, justamente porque tentamos buscar [o fator] dentro de nós, mas no sentido do ego e da nossa psique. É um fator invisível, portanto não é corporal. Mas não é seu, não é você; é uma outra coisa, é uma força adversa, inimiga, que tomou assinatura com você e quer destruí-lo, quer acabar com você. E se em volta ninguém sabe daquilo, então ninguém vai poder ajudá-lo. Isso quer dizer que a cultura moderna ajuda o demônio a fingir que ele não existe, e quanto mais finge que não existe, mais eficaz ele é. Tem muitas coisas na nossa personalidade e em nossas ações que podemos contar que são ações demoníacas mesmo. No entanto, quando você toma as coisas do ponto de vista religioso, você vai falar com o padre, com o pastor protestante etc., eles também vão errar porque a maioria não entende este processo. Veja o bispo Macedo que começou exorcizando. Você quer brincar de exorcismo? Você pensa que o exorcismo é brincadeira? É para qualquer um? Ele tanto expulsou os demônios que eles saíram da platéia e entraram nele, pois está na cara que o homem é um obsessivo. Não é possessão, pois nesta a pessoa fala com voz diferente, tem chilique, é uma coisa manifesta. Porém na obsessão não é assim: parece que tudo está normal, mas a desgraça e a tragédia vão se construindo dia após dia. Veja esse homem que, de tanto exorcizar e expulsar os demônios, estes entraram no exorcista e tomaram conta dele de verdade, e agora ele está pregando a santidade do aborto. Ele não está louco, clinicamente falando, mas está obviamente sob uma obsessão demoníaca. Nós vemos o personagem

invisível agindo através de pessoas humanas que continuam parecendo normais, às vezes parecem até mais normais, pois isso faz parte do processo da ação invisível.

Historicamente nós estamos vendo esta ação invisível através dessas mensagens subliminares colocadas na filosofia no início da modernidade; isto é a ação demoníaca, sem sombra de dúvida.

[1:50] Veja, que o sujeito que está sob obsessão demoníaca escapa da moralidade comum, pois ele de fato parcialmente não é mais responsável por seus atos, mas ao mesmo tempo ele não tem a desculpa da loucura porque está aparentemente normal. A sociedade em geral, por ser materialista e pragmatista, não sabe lidar com isso, e o pessoal religioso também não sabe, pois vai sempre olhar isso do ponto de vista moral. Mas que moralidade negativa ou positiva existe em uma ação que é cometida sem passar pela vontade do sujeito? O personagem do livro de repente descobre que está na cama com outra mulher e diz: "O que eu estou fazendo aqui?". Há momentos em que ele entra naquela premeditação maligna, mas há momentos em que ele é levado a isso sem perceber. Mais para adiante ele começa a fazer outras transgressões, mas entra nelas sem saber como entrou. Isso não tem significado moral algum, você não está falando com um pecador, mas com um obsesso demoníaco, que é uma coisa completamente diferente. Veja que a própria pressão do moralismo religioso impede que essas coisas sejam colocadas com a verdadeira gravidade que elas têm. É patético, é uma incapacidade patética. Eu sugiro que vocês leiam este livro, *The Demon*, de Hubert Selbey Jr., pois é uma obra prima. E o que eu achei mais lindo é que ele usa uma técnica narrativa tradicional: não tem ruptura do tempo, tem alguns monólogos interiores, mas curtos; é um romance clássico, por assim dizer. E, não obstante, teve um efeito brutal aqui, muitas pessoas leram este livro e disseram que era o melhor romance que tinham lido, é muito impressionante. Ao ver a cara do autor, um sujeito fraco, magro, você verá que ele sofreu horrores na vida e começou a entender a mecânica do mau.

Aluno: Por que algumas pessoas estão mais vulneráveis que outras?

Olavo: Eu não sei, o demônio escolhe suas vítimas de acordo com o critério dele, nós não podemos saber. Não há nenhum fator humano que o predisponha a isso, nada. Se houvesse, então você poderia, através da ação em uma esfera humana, se precaver, mas você não pode. Só Jesus Cristo expulsa demônios, ninguém mais no mundo. Leiam os livros do Padre Gabriele Amorth, que vai lhes explicar isso direito, ou o livro do Malachi Martin, que escreveu sobre os exorcismos. Estas coisas existem, são reais e abundantemente documentadas. A tentativa de explicá-las pelos fatores humanos é muito impotente, e o livro exemplifica isso. Se quiser tratar isso na esfera humana — meu Deus do céu! —, aí sim você estará ferrado mesmo! Se você tampou o céu, também tampou o inferno, e você está dentro do círculo, o céu e o inferno estão ali e estão agindo sobre você. As ações divinas ou demoníacas transcendem infinitamente a sua capacidade, não há explicação humana. Este é o problema: quando a cultura se fecha em um círculo puramente terrestre, todo mundo fica cego e ninguém entende mais nada. Por quê? Porque você está fora da escala realidade.

Este é o famoso tema do Eric Voeglin: essa dimensão da transcendência faz parte da estrutura da realidade; ao tampá-la você já está fora. É como você supor que só existe essa linha em que você está, é a história do sapo no fundo do poço. Nós temos de entender que vivemos dentro da dimensão da infinitude, pois ela nos cerca. Na cultura moderna as pessoas chegam a ser idiotas de acreditar que possuem o domínio racional da realidade. Então é claro que houve uma fuga da realidade: houve uma rejeição da realidade, da infinitude, da abertura, do risco, e houve a ilusão da segurança, seja a segurança social, intelectual, financeira, física etc. Mas não há segurança. Quando dizem que nós somos criaturas mortais, não é que somos mortais na hora de morrer, nós somos mortais agora, já! Não há segurança, você tem de estar aberto, e a sua única proteção é o próprio Deus. Mesmo assim, Deus o protege contra a morte? Não, ele determinou a sua morte, você morrerá mesmo. E então qual é a nossa esperança? É a dimensão da imortalidade, e nela tudo aqui se torna enormemente pequeno; e aí você está na dimensão do aberto mesmo, não há limite. Todo esse ciclo moderno criou esta "terrestrialização do pensamento", como diria Antonio Gramsci, que é a mesma coisa que dizer "a estupidificação total". Você só pode ver uma pedaço da coisa, e quando os fatores externos estão agindo, você teimosamente tentará encontrar uma explicação humana na sua psique. Não tem explicação psíquica nenhuma, veja o coitado do Harry White: não é a infância dele, não é o pai, não é a mãe, não é nada; é uma outra coisa, e esta é o demônio, que já está lá no título do livro.

Eu não acho que existam pessoas mais vulneráveis, há pessoas que ignoram a sua vulnerabilidade, este sim é o perigo. Eu não posso dizer que eu seja menos vulnerável que outras pessoas; não, eu sei que sou vulnerável e, por isto mesmo, eu não confio em mim para a minha própria proteção contra o demônio, eu não acredito em mim. Também não fico brigando comigo por causade meus defeitos e pecados; eu não conto comigo para me livrar de meus defeitos e pecados, eu conto com Deus. É Ele que vai me melhorar, não eu. Eu não faço nada, eu peço para Ele.

Quando o ciclo moderno cria esta confiança do eu em si mesmo, aí está preparado o terreno para que haja milhões de Harry Whites no mundo, todos eles absolutamente indefesos. Com relação a esta certeza interna que o *eu* tem de si mesmo: se Descartes tivesse se aprofundado na consciência do ego, ele veria que ela não tem fundamento. O *eu* humano é como algo que está andando no ar: não tem chão embaixo, não tem nada. Quer dizer, o fundamento dele está tão acima, que a única coisa que você pode fazer é se abrir; a relação de abertura e gratidão é a única possível, é a única instalação na realidade. Por isso eu digo que os Dez Mandamentos não são regras que você deve cumprir, são afirmações sobre a estrutura da realidade. "Amar a Deus sobre todas as coisas" é da natureza humana, é a estrutura humana. Assim como se diz que a vaca dá leite, que o passarinho voa, se diz que o ser humano ama a Deus acima de todas as coisas. Se ele faz isso conscientemente ou inconscientemente, tanto faz. Fazer conscientemente é melhor pra nós, mas este é o nosso destino, nós existimos para isso. Nenhuma outra garantia é possível e nem sequer necessária.

Aluno: Professor, não sei se entendi esta exposição, como posso distinguir uma

obsessão como esta descrita no personagem de uma sem-vergonhisse pura e simples?

[2:00] Olavo: Sem-vergonhisse não destrói ninguém, ela pode ser praticada em seu proveito, não traz a sua auto-destruição. Ela é aquele coeficiente de pecado que todo o ser humano tem, do qual você vai se livrando aos poucos, se conseguir se livrar; se não conseguir, pelo menos você pede perdão e pronto, acabou. No livro notamos a presença do elemento demoníaco desde o começo devido caráter ambíguo do que ele está fazendo, pois ao mesmo tempo ele está procurando a mulher, indo para a cama com ela, e se defendendo; quer dizer, ele quer mas não quer. Isso é sexo? Não, isso não é sexo. Quer dizer, o sexo sem envolvimento é uma coisa impossível, algum envolvimento vai haver, senão você não está realmente fazendo sexo com uma pessoa, será simplesmente um personagem hipotético, algo que não se distingue muito de uma boneca inflável. Então é toda esta parafernália técnica — estas técnicas de sedução que ele criou e que funcionam — que o está matando, e não o sexo. Se ele transasse o dia inteiro com milhões de mulheres, muito mais do que ele conseguiu, mas estivesse fazendo isso com a participação humana, com todos os sentimentos e as contradições reais que isso tem, ele não estaria se destruindo desta maneira.

Por exemplo, leia os livros Henry Miller. Eu acho que ele comeu mais mulheres que Harry White e não se destruiu por isso. Ele sentia o que estava fazendo e não estava fugindo da realidade da vida; ele estava aberto, ele tinha todo o sentimento do prazer, da dor, da tristeza, da esperança, tudo misturado, ele estava vivo, tinha um coração humano. Porém, Harry White vai para a cama, mas não leva o coração, então desde o início vemos que o elemento demoníaco está ali. Por um lado há o que podemos chamar de paixão, um desejo intenso, mas não há o sentimento. Mas que raio de sexo é esse? Isso não é sexo, é outra coisa; a sexualidade humana não é assim.

O que está acabando com ele não é o fato de ele sair com muitas mulheres, que nem são tantas no livro; é o controle, a quase obra de engenharia que ele faz para controlar a situação e usar as pessoas. Ele sabe que faz as mulheres se apaixonarem por ele, transa duas vezes e depois desaparece; ele sabe que elas vão sofrer, mas diz assim: "É bom para elas, para elas aprenderem. Eu estou fazendo um benefício para elas". Por exemplo, há uma mulher que pela primeira vez trai o marido com ele. Ele pensa: "Ah, mas eu fiz um bem para ela, aquele casamento estava muito ruim, agora pelo menos ela aprendeu que pode ter outros casos". Então notamos que há todo um processo lógico, uma premeditação lógica que não serve a nenhuma finalidade humana realmente. E isso está dando para ele toda uma ilusão de poder e controle na mesma medida que o está escravizando. É claro que este é um processo demoníaco. Eu se pensar numa coisa dessas eu brocho por seis meses, perco completamente o interesse. Só de pensar em transar com uma pessoa nesses termos já fico assexuado por seis meses. Qualquer pessoa normal sabe que não tem como ela se envolver fisicamente, de uma maneira tão profunda com outra pessoa, sem nenhuma participação afetiva que seja e sem nenhum sofrimento. Então o personagem não está simplesmente fazendo sexo com as mulheres, ele está sendo para elas como uma potência divina que as controla. Eu nunca achei que fazendo sexo com a pessoa eu estou controlando-a, pelo

contrário, eu estou é me descontrolando; uma pessoa normal sabe que é isso. Mas a mistura do sexo com essa intenção do controle total é tão claramente demoníaco, não-humano, que vemos que a coisa já está presente desde o início. Agora, como o personagem é um sujeito simpático, bom filho, bom marido, bom pai, o leitor fica torcendo para ele dar certo e escapar dessa. Mas como é que ele vai escapar de algo que nem sabe que está acontecendo?

Aqui um aluno cita o trecho do padre Garrigou-Lagrange:

(...) como é grave e profundo este assunto que é expresso por estas duas palavras: intelectualidade e espiritualidade. Também é bastante evidente que sem uma vida interior séria não há como manter-se uma influência social verdadeiramente profunda e durável. A vida interior é para cada um de nós a única necessária, (...)

Este aqui é o negócio.

(...) ela deveria se desenvolver constantemente em nossa alma, muito mais do que aquilo que chamamos vida intelectual, científica, artística ou literária. (...)

Claro, pois ela é a sua colocação na verdadeira estrutura da realidade. Se você não está existencialmente aberto para a verdadeira estrutura da realidade, você não pode estar intelectualmente aberto; é impossível. Porque, afinal de contas, a sua relação puramente intelectual com a coisa torna-a um objeto de seus pensamentos, então a sua vida intelectual está dentro da esfera que você domina de algum modo. Então não é possível você se colocar intelectualmente perante a realidade, pois tudo que está em seu intelecto é da sua própria invenção e está sobre o seu domínio, você está no seu mundinho interior. Portanto você tem de estar existencialmente aberto para que esta abertura existencial vá alimentando, fortalecendo e ampliando a sua vida intelectual. A vida intelectual tem de se modelar pela estrutura da realidade e não o contrário; é o contrário do Descartes.

(...) A vida interior é a vida profunda da alma do homem inteiro e não apenas uma ou outra de suas faculdades. A própria intelectualidade ganharia muito se em lugar de querer suplantar a espiritualidade, reconhecesse a sua necessidade, a sua grandeza e se beneficiasse da sua influência, que é das virtudes teologais e dos dons do Espírito Santo.

Bem, este aqui é Garrigou-Lagrange, que não está para brincadeira. A vida interior é a sua instalação na realidade, ao passo que a vida intelectual é apenas uma parte dela, que é a parte das idéias que você consegue elaborar. Mas você não deve viver dentro da esfera das suas idéias, você tem de viver dentro da realidade. As suas idéias são apenas um dos instrumentos que você tem na instalação na realidade. É por isso que eu sempre digo que não se pode entender o Cristianismo como uma doutrina; ele não é uma doutrina, ele é a estrutura da realidade, ele é os próprios fatos. Não é uma coisa que você tem de pensar e conhecer, é algo que você tem de aceitar como realidade e aceitar que você não tem controle intelectual daquilo, que você está totalmente em aberto.

Aluno: Recentemente minha namorada foi para a China e começou a participar

de um grupo que faz algumas práticas espirituais. Como o senhor já alertou para o perigo dessas práticas citando como exemplo o Gurdjieff, eu me senti na obrigação de avisá-la que a coisa poderia ser prejudicial e até perigosa. Neste momento ela começou uma sessão de lição de moral, dizendo que eu não sabia de nada, que aquela prática estava abrindo a mente dela para a verdade suprema, para a futura perfeição, para a total sabedoria e tudo o mais; isso com menos de um mês de prática. A minha pergunta é: como esses grupos conseguem influenciar de maneira tão profunda uma pessoa em tão pouco tempo? Existe alguma predisposição humana [2:10] para se sentir especial ao entrar em um grupo desses?

Olavo: Existe essa predisposição humana em todos nós; a predisposição para a idiotice presunçosa é universal.

Aluno: Parece que eu vou ficar solteiro, eu e a minha imperfeição.

Olavo: Que nada! Arruma outra. Ou ela sai disso ou arruma outra, não dá muita trela para isso não; começa com besteira, fala tchau! Olha, metade da população humana é mulher, não está faltando, que eu saiba. É como o deputado gaúcho discutindo com o mineiro; quando o gaúcho diz "fique a Vossa Excelência sabendo que lá no Rio Grande nós somos todos machos!", o mineiro responde "Pois fique a Vossa Excelência sabendo que em Minas nós somos metade macho e metade fêmea". Então não destrua a sua vida por causa de uma mulher, se ela empedrou nesse negócio, você largue-a e arrume outra. Agora, se você se sente com forças para tirá-la do buraco, tire-a, mas eu acho que isso é, como se dizia, uma porta que só se abre por dentro. Eu consegui tirar muita gente de seitas desse tipo, mas eu consegui fazer isso pois não dependia daquelas pessoas em nada, se eu fosse depender afetivamente de uma delas, eu estava liquidado. Tem de entrar em uma coisa dessas com total frieza: "Aqui eu vou fazer a minha obrigação que o próprio Deus me impôs; e se der certo ou não, não é problema meu, é Deus que vai decidir se vai dar certo. Portanto, se der errado eu não vou ficar chorando, eu vou fazer a minha parte". Mas com uma pessoa da sua família é difícil você manter uma frieza assim.

Você pergunta como estes grupos conseguem influenciar de maneira tão profunda. Eu acabei de explicar o subliminar, ele funciona como um vírus de computador: você não sabe que ele está lá, mas ele está desprogramando tudo e criando um outro programa sem que você saiba. Se nós sabemos que somos assim, então nós temos de nos examinar constantemente. O meu querido amigo, o professor Juan Alfredo César Müller, dizia: "Você crescer e não revisar constantemente a sua vida interior, a sua alma, é candidatar-se, no mínimo, a uma neurose". Mas pode ser muito pior que uma neurose, pode ser uma obsessão demoníaca. Por isso que nós temos de praticar a confissão perante Deus todos os dias. Mas as pessoas já não sabem fazer isso, porque elas pensam nos pecados que estão catalogados, e não é assim; eu acho que tem pecados que não estão catalogados. E você tem de abrir o seu coração para Deus totalmente. Sabe o que é totalmente? Você tem de ficar indefeso perante Deus e saber que Ele sabe tudo a seu respeito, tudo!, e que você não precisa esconder absolutamente nada. Portanto, eu já falei isso, vocês não podem aparecer perante Deus envergonhados, pois vergonha é você querer se esconder. Se você não tem a certeza absoluta de que Deus o ama mais que

você mesmo se ama, você não vai conseguir falar com Ele, vai ficar com treta, vai querer parecer bonzinho.

Ninguém pode dizer que está imune a esses elementos todos que entraram na nossa cultura já há três ou quatro séculos e que estão onipresentes. Eu não estou; com tudo isso que eu estudei, que eu pensei e que eu me examinei, quantas vezes não me veio na cabeça argumentos gnósticos? Esse pessoal que acha que temos de combater as doutrinas gnósticas são todos um bando de idiotas, pois o gnosticismo não é uma doutrina, ele é uma dimensão da experiência humana. Toda vez que você se sente uma vítima inocente do curso universal das coisas, você é um gnóstico; mesmo que não acredite nas doutrinas gnósticas, você está sendo um naquele momento. O gnosticismo é a proclamação da sua inocência perante Deus e a inculpação de Deus; quem é que não fez isso alguma vez na vida? Na minha cabeça toda hora voltam essas idéias; eu sei que está errado, eu sei que aquilo é uma estupidez, eu não sei nem de onde veio, mas volta. Então, o que você vai fazer? Bem, volta, fique aí, mas eu não vou acreditar.

Aqui uma aluna estava ouvindo a aula sobre o projeto socrático. Eu expliquei ali as condições do conhecimento:

Primeiro, a existência de evidência, quer dizer, evidência é um conhecimento direto (...)

Daqui a pouco eu vou entrar melhor nisso aqui. Se não existe a evidência, não pode haver prova de nada, então você tem a evidência e em seguida a prova. O que é a prova? Ela é uma transferência de veracidade de uma coisa que é evidente para outra que não é evidente, mas que se torna intelectualmente evidente através da mediação do raciocínio. Então prossigo eu:

Sabemos que existe um nexos entre a evidência e a prova, primeira condição é a evidência, a segunda é a prova, e a terceira condição é a existência de um nexos entre evidência e prova.

Se não há este nexos, o próprio exercício da prova é impossível, pois a prova não vai ter nada a ver com a premissa evidente que a fundamenta. Mas esse nexos, por sua vez, é um nexos do tipo evidente ou do tipo provável? Ele tem de ser um nexos evidente, pois se ele tiver de ser provado então a conexão entre premissa e consequência dependerá de uma infinidade de provas no meio e você não chegará a nada. Então a primeira condição é a evidência, a segunda é a prova, a terceira é o nexos entre a evidência e a prova, e quarta condição é a evidência do nexos. Daí ela pergunta:

Aluna: Tive as seguintes dúvidas: tive a impressão de que o conhecimento intuitivo é o mais importante dos conhecimentos, mas não consigo defini-lo. Por fim, para complicar, como posso entender a intuição?

Olavo: Intuição é a consciência da presença de um objeto. Sempre que você percebe que alguma coisa está presente, isto é o que se chama de intuição. Mas se a coisa está ausente e você só pode concebê-la, isso não é percebê-la; perceber é perceber algo que está presente, outra coisa é conceber. Ao conceber você cria um pensamento, uma imagem, um esquema, e você tem

algum acesso à coisa através dessa mediação desse objeto mental que você criou. Esse objeto mental, por sua vez, tem de estar presente. Se eu penso elefante, aqui não tem elefante algum, então através de uma imagem, de um conceito, eu penso um elefante; o elefante não está presente, mas o pensamento dele está presente. A confusão que nós fazemos entre presença do pensamento e presença do objeto é uma das maiores fontes de confusão que existe no mundo.

Aluno: Quanto mais eu leio, mais perdida eu fico. Porém ouvi dizer que este curso busca resgatar o projeto originário, o projeto socrático, ou será que eu estou falando besteira?

Olavo: Não, não está falando besteira, a idéia é esta mesma. A filosofia foi aquilo que Sócrates inventou. O que se fazia antes não era propriamente filosofia, era uma mistura. Se você for procurar em Parmenides, Heráclito etc., eles têm uma intuição aqui, outra ali, mas não têm aquele compromisso que é o projeto socrático: a busca pela evidência. Então, para não complicar a coisa, intuição é simplesmente isso: consciência da presença de algo que está efetivamente presente.

Por exemplo, isso tudo que estávamos discutindo: há uma presença demoníaca no Harry White e ela está ali presente; não fisicamente presente, mas está agindo, ou seja, ela infunde na mente do Harry White pensamentos e desejos que não são dele realmente, mas que naquele momento lhe parecem. Então, o que eu deveria fazer? "De onde está vindo esta ideia?". Não é para comprar estes pensamentos. De, pelo simples fato de que pensei em algo, dizer que fui eu; pelo simples fato de que eu quis algum, dizer que fui eu. Não, se existe algo de errado, sobretudo algo de profundamente incoerente, como há no caso dele — há uma contradição ali —, então há algo de errado. "Essa coisa não veio de mim não, veio de algum lugar". [2:20] É o famoso discernimento dos espíritos: "De onde surgiram as minhas ideias? De onde surgiram as minhas imaginações? De onde surgiram os meus desejos?". Isto é a confissão, esta é a condição da confissão, isso é o exame de consciência, ele é o exercício do discernimento dos espíritos. Se você fizer este exame direito, você não vai conseguir confessar para o padre mais do que um centésimo do que você percebeu, mas também não precisa confessar mais, pois a Igreja diz que a confissão tem de ser genérica. O padre não precisa saber do que você está falando, você é que tem de saber, você simplesmente dá o nome do pecado.

Porém, nesse caso não se trata de confessar um pecado, você tem de confessar um estado de obsessão, que é na verdade muito mais humilhante do que confessar um pecado, pois você está confessando um ato que foi como um intervalo na sua existência interior. Lembre o que eu falei sobre a continuidade do *eu* no início: desde pequeno, desde que nasceu você é o mesmo *eu* e você tem o mesmo sentimento de identidade. Este sentimento é colocado entre parênteses pela obsessão demoníaca, como se fosse um intervalo, um buraco na sua existência, é isso que torna a coisa temível. Como nós não suportamos este buraco, o que nós fazemos com ele? Nós o preenchemos com a nossa substância, nós assumimos a autoria da coisa, quanto realmente não fomos nós. Só que quando acontece isso, você tem de perceber a fragilidade do seu *eu*. O *eu* não tem fundamento ontológico em si, ele não tem mesmo, o

fundamento é Deus, mas ele também não tem a sua própria capacidade de continuar. Por que nós conseguimos ser o mesmo desde que nascemos até agora? É porque Deus garantiu, Ele é o Senhor do tempo, o Senhor da continuidade, não somos nós; não é a historinha que contamos para nós mesmo que nos dá a continuidade. Possuir um *eu* consciente é a maior das maravilhas, pois nenhum outro bicho tem essa capacidade. E o fundamento desse *eu* só pode ser a gratidão àquilo que é o seu verdadeiro fundamento, eu não vejo outra coisa a se fazer aí.

Aluno: Atribue-se à Sócrates a idéia de que ninguém faz o mal conscientemente, assim ou a pessoa é forçada a fazer um mal ou faz voluntariamente, mas com erro de avaliação. Refleti sobre isso e não consigo deixar de ver esta idéia como muito ingênua, afinal de contas a todo momento vemos pessoas fazendo o mal com plena consciência disso.

Olavo: Bom, mas aí é exatamente a consciência deformada. Um sujeito fez determinado mau conscientemente ou não? Esta distinção já não se aplica, pois a consciência já está tão deformada que misturou as duas coisas. Então, a incapacidade de distinguir o bem e o mau já se tornou crônica.

Alguém pergunta se isso seria a iniquidade. Se isso se tornar uma coisa permanente é iniquidade. Momentaneamente todos nós podemos ter momentos de obscuridade: o sujeito sabe o que ele está fazendo, mas não sabe julgar o que está fazendo, ele não tem o sentimento moral adequado à sua ação, embora ele a compreenda com causa, efeito e propósito. Então é como o Harry White: ele separou o sentimento dele, ele tinha sentimentos para com seu pai, para com sua mãe, seus colegas de escritório, sua esposa, seu filho, mas no momento do exercício daquela atividade específica ele não tinha sentimentos. Ele colocou aquilo fora do seu próprio julgamento moral. Na hora em que ele faz isso, ele se torna realmente uma vítima do demônio. Muitas vezes a fuga do sofrimento, sobretudo o sofrimento moral, já é uma sugestão demoníaca; nós não podemos nos livrar do sofrimento moral um único momento; nada do que nós fazemos é neutro, tudo tem um significado moral, tem uma intenção, tudo!

Aluno: Conheci o site do professor no ano passado, me identifiquei muito com a maneira como começa a ensinar a filosofia, principalmente por sua honestidade intelectual e sua autoridade filosófica diferente de tudo que eu já tinha visto em minha vida (...)

Olavo: Muito obrigado.

Aluno: (...) Mesmo tendo muito pouco tempo disponível devido ao meu trabalho, sou policial federal, tomei na época a decisão de me inscrever no COF, pois encontrei ali a chance que sempre esperei para poder estudar filosofia de verdade. Sempre fui estudioso da religião cristã, sou formado em matemática e a filosofia sempre foi um assunto que muito me atraiu, mas nunca tinha visto alguém me ensinar com tamanha autoridade e conhecimento. O pouco que li dos seus ensinamentos me mostrou a direção e me retirou várias dúvidas que eu tinha da leitura de alguns livros, principalmente dos primeiros filósofos. Então, em setembro do ano passado eu me inscrevi no curso e me comprometi a seguir até o fim, mas acontece que

quando eu recebi a senha e comecei a acessar o curso online, verifiquei que o curso já tinha mais de vinte aulas iniciadas (...)

Olavo: Isto não é problema, aqui ninguém está com pressa. O curso vai durar cinco anos para quem entrou no primeiro dia ou para quem entrou no décimo mês, ele vai durar cinco anos do mesmo modo. Não espere terminar o curso em menos de cinco anos, quando chegar na última aula você ainda terá as aulas atrasadas para ver. E depois de terminar este curso acho que ainda terei de dar alguma assistência para os alunos que entraram depois, e vou fazer isso, sem sombra de dúvida!

Aluno: (...) Mesmo assim eu tentei acompanhar as aulas. Vi a primeira, a segunda e acompanhei uma aula de sábado ao vivo. O problema é que meu tempo é muito restrito, pois trabalho policial é muito desgastante, tanto físico quanto mental, e não consegui dar andamento do curso e acabei desistindo, mas por um tempo. Hoje, passado mais de um ano, lendo seus textos e sua obra, e comparando com o restante do meio intelectual, continuo com a mesma certeza que eu tinha: esse curso é a chance da minha vida de estudar filosofia (...)

Olavo: Cá entre nós, eu também acho. Este é o único curso de filosofia no Brasil, o resto não existe, o resto é realmente uma palhaçada.

Aluno: (...) Eu escrevi este pequeno texto, primeiro para desculpar-me com o professor por eu não ter cumprido a minha promessa e não continuar no curso (...)

Olavo: Não, agora você vai cumprir.

Aluno: (...) Segundo, quero voltar a fazer o curso, mas não vou conseguir acompanhar como os outros alunos (...)

Olavo: Mas isso não tem o menor problema, você não está aqui para acompanhar como os outros alunos, você está aqui para acompanhar como você acompanha. Vá fazendo as aulas passadas e se você tiver alguma pergunta sobre aula número 5 e estivermos na aula 70, faça a pergunta, pois para os outros voltar a pensar naquela aula é sempre útil, você vai estar ajudando as pessoas. As vezes alguém pensa que entendeu, mas não entendeu direito. Ninguém aqui está com pressa, nós não temos aqui um currículo a cumprir; há um certo programa de assuntos que eu quero dar até o fim, mas eu não estou obrigando ninguém a ter de entender isso aqui em cinco anos, tem coisas aqui que você vai ter de pensar pelo resto da sua vida.

Aluno: (...) O meio em que vivo, o ambiente policial, é muito solitário para quem quer estudar filosofia. Continuo nos tempos livres a fazer minhas leituras, porém eu não encontro com quem conversar e se eu não tiver um direcionamento eu vou acabar passando a minha vida inteira girando em círculos sem sair do lugar (...)

Olavo: É o seguinte: você tem de fazer contato com os outros alunos. Sobreviver intelectualmente em um ambiente totalmente solitário é para quem tem uma vocação especial para isso; eu só conheço um sujeito que tem esta

vocação nesta geração, sou eu. Eu sobrevivi no deserto, eu conversei com as paredes durante 20 anos. Não sei como sobrevivi, mas eu sei que fui dotado para isso desde a minha infância: a doença que eu tive, de certo modo, me dotou de uma paciência anormal para com as situações mais esquisitas. Quando eu estava vivendo a situação mais estranha, mais esquisita do mundo, continuava lá impávido colosso. Eu fui treinado para isso desde a minha infância, isso não tem nada a ver com o talento filosófico, isso é uma habilidade específica minha que eu tenho. Ora, se eu estou dando este curso é porque eu sei que as pessoas não têm esta habilidade. Veja que Platão e Aristóteles não tinham esta habilidade. Então, é aquilo que fala o Leo Strauss: geralmente o processo do conhecimento filosófico é dado por uma tradição, um sujeito ensina um, que ensina outro, e outro, até que a coisa se rompe. Quando rompe aparece alguém que tem, além da sua capacidade filosófica — que pode ser maior ou menor —, esta capacidade específica. É o sujeito que pega a coisa sozinho. Mas eu também não peguei a coisa tão sozinho assim, eu também tive professores. É verdade que a maior parte eu não aprendi com eles.

Então, não se force a viver na solidão, procure a companhia de outros alunos, converse. Agora já tem um Instituto Olavo de Carvalho em Curitiba, vai ter outro no Rio, [2:30] depois vai ter outro em São Paulo, no Ceará, em toda a parte. Criar um meio social favorável à alta cultura e ao desenvolvimento da consciência é uma das finalidades deste curso; não é só a transmissão do conteúdo, mas também a criação de um meio social que proteja vocês da brutalidade e vulgaridade do meio ambiente. Eu estou dizendo para vocês que a sociedade brasileira odeia o conhecimento, ela é mesquinha, ela é ruim e é feita para levar as pessoas ao fracasso, quer dizer, o Brasil é uma máquina de produzir fracassados. Por que todo mundo tem inveja de quem dá certo? Porque de cada 100 pessoas, 99 dão errado. Depois que mudei para os Estados Unidos eu vi o seguinte: aqui é normal dar certo, todo mundo dá certo de algum modo; alguns dão errado, a gente lamenta, tenta ajudar, mas o normal é conseguir o que ela quer da vida. Criar este meio social é uma forma de proteger as pessoas disso, para que você não tenha de passar a vida construindo as suas próprias defesas psicológicas; isto é uma coisa muito complicada que eu não recomendo à ninguém. Eu não recomendo a ninguém levar a vida que eu vivi, se eu pudesse ter vivido outra, certamente viveria: antes rico com saúde, do que pobre e doente.

Então, a criação da amizade verdadeira, que é baseada na comunidade de valores, na comunidade de objetivos, é a defesa contra as relações falsas, contra esta intimidade errada brasileira, com uma pessoa que não tem nada a ver com você e que no fundo nem gosta de você. É aquele negócio, o sujeito diz que é o seu amigo e por isso mesmo ele pensa que tem o direito de falar mal de você, de te caluniar, de pisar em você. "Mas eu sou amigo dele, então eu posso". Você tem de fugir dessas pessoas e tentar criar relações certas. Eu fui privado destas relações a maior parte da minha vida, mas sobrevivi porque Deus quis. Ele estava ali, me ajudou, inventava mil e uma consolações para mim, mas eu não recomendo que ninguém faça isso. Eu estou aqui para ensinar filosofia e não para ensinar lições de sobrevivência na selva.

Aluno: (...) Eu queria saber se há possibilidade de eu voltar para o curso (...)

Olavo: Claro!

Aluno: (...) e como posso fazer para ter um bom rendimento nas aulas.

Olavo: Simplesmente acompanhe as aulas pela ordem e não se preocupe com o que vem depois. Você pode assistir a aula de agora? Pode e deve, se você não entendê-la não tem problema, guarde-a na sua memória e mais tarde você a entenderá. Se tiver dúvidas, faça perguntas e peça ajuda para os outros alunos. Peça ajuda para mim e para os outros.

Aluno: Acabei de ler um livro que contém algumas passagens que podem ser interessantes para ilustrar a mentalidade revolucionária, especialmente na comunidade científica. Provavelmente você já conhece o livro, mas na dúvida, a edição brasileira é O Cérebro Espiritual - uma explicação neurocientífica para a existência da alma, dos autores Mário Beauregard e Denise Oleary. Gostei bastante do livro. Na página 154, apontando os autores um dos seis pontos fracos fundamentais do materialismo promissório, parece-me que quase consegui identificar um dos mecanismos da inversão revolucionária: "O materialismo promissório leva a promessa de projetos não práticos em um futuro indefinido para evitar enfrentar as questões atuais".

Olavo: Mas sem sombra de dúvida, é muito fácil inventar um futuro brilhante, e o sujeito já se atribuir os méritos e a autoridade decorrentes desse futuro. É claro que o sujeito está fugindo da realidade atual, pois na realidade o que ele pode fazer para resolver qualquer problema é muito pouco. Eu acho engraçado que todos os candidatos à qualquer cargo sempre apresentam um projeto completo de uma nova sociedade, de um novo Brasil e, pior, o eleitorado cobra isso aí e apresenta ao candidato uma lista de problemas: "O que o sr. vai fazer para resolver tal coisa?". Eu nunca fui candidato a nada, mas se eu fosse eu diria: "Olha aqui, eu vou resolver dois problemas, ou um. Não me faça pergunta sobre os outros pois eu não sei!". Por exemplo, se eu fosse um desses candidatos eu diria: "Olha aqui meu filho, o problema mais urgente do Brasil é o morticínio: 50 mil vítimas por ano. Então eu vou cuidar da segurança". E o resto? O resto você vai empurrando com a barriga e o próximo presidente talvez resolva. Porém, cada um que se apresenta tem de ser um deus, tem de ter todo um projeto de futuro. Ele está fugindo da realidade, pois na realidade a capacidade de ação é limitada. Então ele deveria prometer só aquilo que pode fazer. Agora o sujeito vai lá e fala: "Nós vamos dar educação para todos, nós vamos dar saúde para todos, nós vamos arranjar emprego para todo mundo, nós vamos resolver a sua insatisfação sexual, o governo vai dar doce para todo mundo...". Todo mundo sabe que isso é mentira, mas o eleitor pede esta mentira ao candidato.

Aluno: Numa carta aberta, sem intenção de ser irônica, à comunidade atéia, Tom Clark, diretor do Massachusetts Base Center, aconselha que a negação do livre-arbítrio aumenta nossos poderes de auto-controle e encoraja políticas baseadas nas ciências efetivas e progressistas em áreas como a justiça criminal, desigualdade social, saúde comportamental e meio ambiente. Auto-controle? Clark não parece reconhecer que numa explicação materialista do ser humano não há eu controlador, nem eu para controlar. Em consequência, as suas propostas políticas efetivas e progressistas, baseadas nas ciências, não são oferecidas por um eu a outros eus, mas impulsionada por um objeto a

outros. Um exemplo deste problema foi oferecido, sem querer, pelo o biólogo evolucionista britânico Richard Dawkins. Atacando o princípio da punição no sistema legal, ele escreve: "Como cientistas, acreditamos que o cérebro humano, embora talvez não funcione da mesma forma que os computadores feito pelo homem, é com certeza governado pelas leis da física. Quando um computador pifa, nós não o punimos, identificamos o problema e consertamos, em geral pela substituição de uma peça danificada de software ou hardware". Agora, pode-se fazer uma boa defesa de que a punição é um princípio de justiça inadequado, mas note que os consertadores científicos da visão de Dawkins são "nós", mas a peça consertada é "a coisa".

Olavo: Então o único sujeito agente é o reformador social, os outros são todos peças que ele move a vontade. É claro que isso é uma ilusão. Isso é igual àquela história do Mané Garrincha, o técnico estava explicando: "Nós entramos, tomamos a bola, você passa a bola, o outro cruza, você pega e faz gol" e daí o Garrincha perguntou: "Mas você já explicou isso para o outro time?". Nesse caso também, há as pessoas que você vai consertar, que você vai reformar, mas você já perguntou para elas o que elas acham? Se eu quiser tratar a mim mesmo como um equipamento que precisa ser consertado, eu não consigo, e se eu não consigo consertar nem a mim mesmo como é que eu vou consertar um outro? Por exemplo, você pode dizer que é errado nós punirmos as pessoas, pois nós temos que consertá-las. Mas punir nós podemos e consertá-las nós não podemos. Por que você coloca um ladrão na cadeia? É por uma questão de justiça? Você não sabe se isso é exatamente justo. É para corrigi-lo? Não sabemos se isso vai corrigi-lo. É um castigo porque o sujeito errou ou é uma providência técnica para que ele não venha errar e cometer o crime novamente? Nem uma coisa nem outra; nós trancamos o sujeito na cadeia porque nós não o aguentamos aqui fora, é só por isso. Você não precisa ter a pretensão, nem de estar fazendo justiça e muito menos a de consertar o sujeito, são duas pretensões absurdas. Justiça só Deus faz, nós aqui quebramos o galho. O sujeito está matando, roubando, nós não o aguentamos mais, e então o colocamos na cadeia. É uma auto-defesa que temos, não precisamos fazer justiça, não precisamos ter a ilusão de fazer justiça. Agora, se fazer justiça é uma ilusão, consertar o sujeito é uma ilusão pior ainda. A não ser naquele caso, mencionado em uma mensagem que me mandaram um dia dizendo: "Quem disse que a prisão não corrige, não melhora os seres humanos? No tempo dos milicos a prisão funcionava, ela tinha uma função corretiva. Porque se entrava sequestrador, ladrão, assassino, estuprador; e saía senador, deputado, presidente da república...".

Então, gente, por hoje é só. Até semana que vem e muito obrigado.

Transcrição: Instituto Olavo de Carvalho – Curitiba
Revisão: Julio Monti Belmonte e Mariana Belmonte